

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

PREÇO 50 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2426

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUINTA FEIRA, 28 DE OUTUBRO DE 1926

Nas vésperas do Congresso Extraordinário de Lisboa

Estamos nas vésperas da realização do Congresso Operário de Lisboa. Todos os que se interessam pela marcha do proletariado a caminho da sua emancipação, aguardam ansiosos o importante acontecimento. E' que este congresso não é uma reunião banal de militantes onde se discutam assuntos de somenos importância. A organização operária atravessa um dos seus momentos mais melindrosos, que require dos militantes que venham a tomar assento na magna reunião uma ponderação excepcional, orientada por um elevado ideal de emancipação.

Estamos convencidos de que todos os delegados hão de ter bem presente que a organização operária tem por base a doutrina sindicalista, que conduz o proletariado à luta pelas suas regalias e emancipação, fora de partidários de qualquer espécie.

Variados são os temas que vão debater-se no Congresso Extraordinário dos Sindicatos de Lisboa. Entre eles, o da crise de trabalho é, sem dúvida alguma, no momento presente, o de maior importância e no qual devem concentrar-se todas as atenções. Mas para que o trabalho do congresso resulte proveitoso, é necessário que todos os delegados se esforcem por entender-se harmonicamente. E para que essa harmonia entre todos se estabeleça, urge que cada um veja de preferência as necessidades do proletariado, não reparando em quem defende as suas doutrinas, arredando sempre os conflitos de carácter pessoal.

O congresso será constituído por

delegados de vários organismos operários e não por pessoas. Nele devem defender-se os interesses da massa operária e não as ideias particulares de cada um.

Será de boa tática evitar sempre os personalismos, emprestando as discussões uma elevação e nobreza que dignifiquem a classe operária aos olhos da burguesia que a julga enraivecida e moldável, portanto, aos seus caprichos ilícitos.

Estamos convencidos de que, a observarem-se as indicações que a Batalha acaba de expender, do Congresso de Lisboa resultará o início de um movimento dignificador que, em breve, trará às classes trabalhadoras aquele prestígio que, a persistir-se nos maus caminhos que nos últimos tempos se trilham, corre sério risco de perder-se.

Há uma tese—da Unidade Sindical—que pode levantar conflitos lamentáveis, se os delegados professos de várias correntes doutrinaárias não souberem manter o apuro e a serenidade que a sua discussão require. O nosso optimismo leva-nos a crer que todos os delegados saberão manter esse apuro e essa serenidade, lembrando-se de que foi a inobservância destes elementares preceitos de civilidade que gerou, afinal, a desorientação e os prejuízos que sobrecarregam neste momento a organização operária.

Oxalá o operariado de Lisboa saiba dar um bom exemplo de carinho pelos supremos interesses do proletariado, nos quais acima de todos os militantes devem pôr os olhos.

ACTUALIDADE NO ESTRANGEIRO

Como a Síria muda de protectores...

Os imperialistas jogam o destino de povos e nacionalidades com uma naturalidade assombrosamente encantadora... A sorte de um pequeno país determina imediatamente a sorte de uma multidão, que, subitamente, sem haver sido consultada, vê os seus costumes, leis e poderes completamente transmutados.

O interesse dos capitalistas é o maior factor neste jogo perigoso e inumano de imperialismos, pois uma potência abandona ou conserva uma nacionalidade estranha consoante o diverso rendimento que ela lhe possa dar.

Os imperialistas franceses, entre tantas riquezas sonhadas ou contestadas, possuem uma colónia e um mandato: são a Tunísia e a Síria. A primeira está totalmente pacificada e a segunda não destoa uma só vez da sua rebeldia nacionalista.

Os italianos cubiam a Tunísia e todos os dias lançam desafios ao seu actual possuidor. E' claro que a França se inquietava com este rival tão vizinho e ameaçador e procura contemporalizar. E como a Itália, em suas ambições de poder mundial, olha demoradamente os caminhos do Oriente, os imperialistas franceses lembraram-se de acenar aos italianos com o seu mandato na Síria, porque esse lhe custa imensos sacrifícios de capital numa época em que a sua situação é pouco desafogada.

A notícia correu a imprensa estrangeira e não foi desmentida pelas chancelarias. A França procurava obter da Sociedade das Nações a cessão, em favor da Itália, do seu mandato na Síria, em troca de uma improvável renúncia dos seus interesses na Tunísia. Assim, a Síria, ainda em revolta indomável contra os franceses, vê-se subitamente em presença de outros usurpadores já diferentes...

O povo sírio, porém, animado dos seus pruridos nacionalistas, sem querer nem poder encerrar qualquer ideia de fraternidade com povos que são também oprimidos e que considera opressores, não abdica das suas reivindicações de independência, não abandona a sua revolta contra mandatos variáveis, não sabe distinguir a tutela de franceses ou italianos, pois a todos olha como intrusos.

Greve mineira inglesa

O conselho geral do congresso dos Sindicatos toma resoluções

LONDRES, 27.—O conselho geral do congresso dos sindicatos, depois de ter ouvido a leitura do relatório apresentado pela sua delegação, que ontem à noite esteve em conferência com o sr. Baldwin e outros ministros, deliberou convocar a comissão executiva da federação dos mineiros a reunir-se com ele na próxima sexta-feira.

O sr. Cook secretário daquela federação, chamado urgentemente a Londres declarou aos jornalistas ter já convocado a sua comissão executiva para aquela reunião.

No conselho geral do congresso dos sindicatos é opinião dominante que será possível levar os mineiros a conceder-lhe a autorização para iniciar e levar a termo as negociações necessárias para regular, por uma vez, o conflito carvoeiro.—(L.)

Os mistérios da Alemanha

BERLIM, 27.—No decurso do julgamento do processo relativo à "Reichswehr Negra", no tribunal de Landshut, tenente Schultz, principal acusado, declarou não se tratar duma associação secreta mas sim duma formação regular da Reichswehr,

legamente reconhecida pelo governo do Reich e pelas autoridades prussianas.—(L.)

Notícias telegráficas

O ouro americano

NOVA-YORK, 27.—A participação americana no empréstimo belga para a estabilização foi mais do que coberta.—H.

Como se arranja dinheiro

BRUXELAS, 27.—O governo estuda um projecto tendente a retirar da circulação os títulos de 20 e 5 francos, substituindo-os por notas com a estampa da Tesouraria. Esta medida seria transitória, servindo apenas enquanto se cunha a moeda que tem o mesmo valor dos títulos.—H.

Sentenças de pouca emoção

BERLIM, 27.—O tribunal de Landshut condenou a dois anos de prisão dois antigos membros da Reichswehr negra, por tentativa de assassinato, e um terceiro a um mês, por ameaças.—H.

O 15.º Congresso Comunista Russo

MOSCOWIA, 27.—O décimoquinto congresso do partido comunista elegeu por unanimidade a direcção do partido, constituída por 5 membros, da qual fazem parte Staline, Rykoff e Boukharine.—(L.)

O número de desempregados na Rússia

MOSCOWIA, 27.—Segundo a estatística da comissão central dos sindicatos operários, o desemprego atinge neste momento 1.182.000 trabalhadores especializados.—(L.)

SACCO E VANZETTI

Foi recusada a revisão do processo

NEW YORK, 27.—Noticiam de Dedham Massachussets, que o Supremo Tribunal do Estado pronunciou-se contra a revisão do processo dos anarquistas Sacco e Vanzetti, acusados e condenados por motivo do assassinato a um cobrador de uma fábrica. Só o indulto, privilégio do governador do Estado de Massachussets, pode evitar o cumprimento da sentença de morte.

Este telegrama, embora de origem burguesa, vem dar um aspecto angustioso à infundável luta empenhada pela justiça de classe. Faltam-nos ainda detalhadas notícias, mas isso não obsta a que chamemos a atenção do proletariado para a nova fase de uma campanha de solidariedade humana.

Para a compra de uma bandeira sindical

Promovida pela direcção da Associação dos Corticeiros de Lisboa realiza-se no dia 14 de Novembro, às 14 horas, na Sociedade Musical 3 de Agosto de 1885, uma grandiosa festa para a compra de uma bandeira sindical para aquela associação.

A referida festa consta de canção nacional por vários cultivadores do Grupo de Solidariedade Moscovidense.

Bairro popular no Faial

A Tesouraria da Cruz Vermelha Portuguesa foi recebida a importância abaixo indicada:

Do antecedente.	101.169\$58
Por intermédio da Cruz Vermelha Americana duma subscrição da Colónia Portuguesa e cidadãos americanos de New-Bedford, 480 dólares.	9.360\$00
Soma Escudos.	110.529\$58

GESTO SIMPÁTICO

A abolição da gorgeta não trará para o público novos encargos nem provocará a crise de trabalho na classe, afirma-nos o secretário da Associação dos Criados de Mesa

Dentro de alguns dias vamos assistir a um grandioso movimento que pelas suas características é único nas reivindicações proletárias. Trata-se do combate à gorgeta que os empregados de hotéis e restaurantes, particularmente os criados de mesa, vão iniciar.

A aspiração é velha. Há alguns anos que ela vem sendo agitada nas assembleias corporativas, figurando há dois anos no livro das reclamações apresentadas ao patronato. Há dois anos não vingou, entre outras razões, porque para se abolir a gorgeta advogava-se a adopção de uma percentagem ao freguês.

Como não vingou nessa altura aguardou-se melhor oportunidade para a abolição da gorgeta. Essa oportunidade chegou. Veiu com o Congresso dos Operários do Ramo de Alimentação do qual fizeram parte os empregados de hotéis e restaurantes.

Nessa magna assembleia resolveu-se pugnar por um ordenado fixo para o criado de mesa, abolindo-se assim a gorgeta hoje tanto no hábito do freguês e do empregado.

Esse movimento vai começar porque as associações interessadas estão empenhadas em levá-lo a bom termo. Por isso ontem, quando encontramos o secretário da Associação dos Criados de Mesa, José Graça, não quisemos perder a oportunidade de falar com este elemento que sobre o assunto tem as seguintes interessantes opiniões:

—O protesto contra a gorgeta é já antigo. A gorgeta é humilhante, tanto para quem a dá como para quem a recebe. Todavia freguês e empregado têm este hábito. O freguês quando se senta numa mesa conta já com a gorgeta. O empregado conta também com a gorgeta. E' uma mecânica muito da nossa psicologia.

—Nesses casos...
—Não, não — atalhou o nosso entrevistado.

E depois prosseguiu:

—Eu sou das pessoas que não se detêm ante a tradição. Os hábitos, quando maus, também se extinguem. Chegou o momento do freguês esquecer a gorgeta e do empregado deixar de contar com ela.

O nosso interlocutor vai divagando sem

pre, como que a demonstrar-nos a precária situação dos criados de mesa:

—Pela actual organização de trabalho nos hotéis e restaurantes o empregado não tem ordenado. Os seus vencimentos constam da gorgeta que o freguês lhe dá, da qual às vezes ainda sai a percentagem para a ajuda do pagamento de despesas com limpezas do estabelecimento.

«Depois, prossegue José Graça, o empregado tem muita despesa. Além dos seus encargos de família, ele ainda tem que pagar o vestuário, bastante caro, tem que pagar os objectos que se inutilizam e tem que sofrer os prejuízos ocasionados pela saída do freguês que não pagou...»

—Mas como resolve o problema?

—Os patrões, sem que o freguês fosse endossado de novo encargo, pagariam aos seus empregados um ordenado. E não fariam favor, visto que nós trabalhamos para eles absolutamente de graça. Conseguindo este ordenado desenvolver-se-ia uma intensa propaganda no sentido de levar o freguês a não dar gorgeta.

Como alguns dos criados presumem que o ordenado provocará a diminuição de empregados num estabelecimento, quisemos ouvir a opinião do nosso entrevistado sobre o assunto:

—Não acredito. Mas admitindo que os patrões restringiriam os quadros do pessoal nós tínhamos um recurso: o estabelecimento da jornada de oito horas. E' verdade que a lei não nos abrange, que a lei nos considera domésticos. Todavia isso não quer dizer que nos calemos.

—E a classe como encara o problema?

—Bem. A classe, excepção a um ou outro casuário, está de acordo com o movimento. A classe deseja viver honestamente. E o ordenado proporcionando essa vida honesta é a fíca de acordo.

—Esse não concorda. Mas isso pouco nos preocupa. Queremos é que a classe saiba ser digna e eis tudo.

A fechar a entrevista:

—Contamos também com a auxílio do público. Com ele e com a unidade da classe tudo se conseguirá.

NOTAS & COMENTARIOS

Uma declaração

Escreveu-nos o Comité Central do Plano Vermelho alarmado pelo que se pode deprender da circular que o Comité Pró-Prós enviou aos Sindicatos Operários. Julga o Socorro Vermelho que o Comité Pró-Prós quis insinuar que em parte as cotizações eram consumidas por burocratas do S. V. Não nos parece que tal ilacção se possa tirar da aludida circular, antes se nos afigura que o S. V. quer aproveitar-se de pequenos nada para fazer o seu reclame. Entretanto, para que não se diga que somos maus, registamos a declaração daquele Comité sobre a não existência de burocracia no seu seio e que os serviços prestados pelos seus membros são absolutamente gratuitos.

«Diário do Porto»

O Diário do Porto foi ontem apreendido pelas autoridades. Desconhecemos o motivo da apreensão.

Os marcanos

Parece que o planeta Marte, a pesar de ter passado ontem muito perto da Terra, não deu sinal de si, nem nos arrancou da dúvida sobre a existência de habitantes na sua superfície. A ser verdadeira a teoria de alguns espiritas aquele planeta é habitado por almas superiores emigradas da Terra ao soar a hora da sua ascensão às transcendentes alturas. Gostaríamos de saber se por lá haverá gostos, como existe por cá, a mesma mania das ditaduras à Mussolini e se os marcanos se encontram tão atrasados como nós em matéria social.

A vida dos ricos

A publicação da série de crónicas sobre a vida dos ricos e dos pobres que o nosso camarada Alfredo Marques vem publicando na Batalha e que tão vivo interesse tem despertado nos nossos leitores, foi interrompida por alguns dias devido à abundância de original inadiável que lhe lutamos. Em breve recomencemos a sua publicação correspondendo assim ao interesse com que o público acolheu as interessantes reportagens.

Cristóvão Colombo

A imprensa do país vizinho encontra-se agora muito empenhada em provar que Cristóvão Colombo era espanhol. Alguns portugueses apareceram já a querer provar que o descobridor da América nasceu em Portugal e os italianos, estes ao que parece com dados mais seguros, reivindicam para a Itália a honra de ter sido berço do grande navegador. Ora, parece-nos que, apenas por mera curiosidade e por amor à verdade histórica, poderá interessar saber se Colombo era português, espanhol ou italiano. Pelo seu descobrimento importantíssimo Colombo não é português, nem espanhol, nem italiano — é universal. Os seus actos aproveitaram e enobreceram a humanidade e dignificaram o génio humano.

Um avião monstro

Os progressos da aviação acentuam-se de dia para dia. A estabilidade dos vãos, cada vez mais perfeita, a rapidez da deslocação e a sua comodidade, tornam pouca a pouca os aviões preferidos pelos viajantes. A época dos grandes transatlânticos, que causaram no mundo uma verdadeira revolução económica, está passando. Logo que os aviões possam atravessar com segurança os grandes mares e

oceanos, os navios serão relegados a um plano secundário como foram, com o triunfo da navegação a vapor, os barcos de vela. Os alemães que estudam constantemente estes problemas, acabam de construir um avião monstro que mede 126 metros de envergadura, munido de quatro motores, com acomodações para 200 passageiros e compartimentos para restaurante e sala de refeição. Este monstro destina-se à travessia do Atlântico.

A fúria dos elementos

A Espanha foi assolada por um medonho ciclone que arrasou povoações e causou em várias localidades prejuízos incalculáveis. Os elementos, nestes últimos anos, seguindo o exemplo dos homens, empenham-se furiosamente numa obra destruidora que ameaça eternizar-se. Se acedermos na existência de um ente superior presidindo a todos estes terríveis caprichos da natureza, estaríamos em crer que Deus, feito à imagem e semelhança dos homens, andaria tão desorientado lá nas alturas como não faria sendo asneiras condeneáveis. A nossa descrença, porém, poupa-o à nossa justa indignação.

Contra a carestia da vida

Em Monchique desapareceram das casas comerciais os géneros tabelados

MONCHIQUE, 26.—O povo de Monchique em geral e as classes trabalhadoras, em especial, podem ir apertando a pele para lhe ser arrancada pelos magarefes de balcão, que se estão a preparar para tirar a desforra dos prejuízos que ultimamente dizem ter sofrido.

Ao povo, sempre ingénuo, parecia que já não voltavam aqueles tempos do mercantilismo ladravás que se sucedeu à guerra, nem aquela arrogância que os seus exploradores, para não lhes chamar ladrões, para com ele usaram.

Enganou-se. Essa exploração e essa arrogância vêm hoje mais correctas e aumentadas. Aqui estão a passar-se coisas espantosas com os géneros de primeira necessidade, em especial o azeite, que se vende a dez escudos e mais, sem que o povo meça na ordem quem tem o arrojo de roubá-lo descaradamente.

Estamos já a viver no regime de tabelas, e, como de costume, tudo quanto as tabelas indicam desapareceu do mercado. O administrador, como legítimo representante do governador civil, parece que não liga grande importância, ou para melhor dizer, não liga importância nenhuma às ordens emanadas do mesmo senhor.

O inverno está à porta. Um dos géneros tabelados é o milho, que nesta quadra tem grande gasto, mas, como o seu preço na tabela é de 18\$00, no mercado já não há nenhum.

Um batelão afundado

No ministério da marinha recebeu-se uma comunicação que, nas alturas de Cabo Espichel, devido ao temporal se tinha submergido um batelão português que lá submergido pelo rebocador «Recade», tendo-se salvo a tripulação.

RÉPLICA AO FETO

Pulverizam-se as graves acusações feitas por um pasquim ao pessoal do Manicómio Miguel Bombarda com argumentos sólidos e indestrutíveis

Uma visita ao Hospital de Rilhafoles — O que nos disse o dr. Sobral Cid — A que chegaram as nossas investigações — Das responsabilidades dos enfermeiros à sua abnegação

Feto dementa. Não admira. Ainda no seu estado embrionário quis ocupar-se do Manicómio Miguel Bombarda e foi vítima de uma psicose. E' um novo caso que recomendamos à psiquiatria se o feto não viesse em linguagem insofista, repleta de arroufos de briga, reptar-nos a declarar se estamos ou não solidários com os empregados do Manicómio Miguel Bombarda, com esses empregados a quem ele acusa de agredirem a cavalo marinho os doentes, com esses empregados a quem ele acusa de responsáveis pela morte de dois loucos nas piscinas, com esses empregados a quem ele acusa de prenderem nos berços os enfermos só por requintada desumanidade.

Já ontem dissemos que temos todo o prazer em responder ao feto, não pela consideração que os intrusos nos merecem, mas para desafrontar uma classe injuriada por um cavalheiro de indústria.

Vamos responder-lhe. Mas temos em primeiro lugar que nos servir dos elementos de investigação colhidos ontem no Manicómio Miguel Bombarda. Sim, porque é preciso vermos se de facto os empregados no hospital de Rilhafoles são aqueles bandos que o feto pretende denunciar aos seus oito leitores.

No vetusto edifício da rua da Cruz da Carreira a primeira pessoa a quem nos dirigimos foi ao director do estabelecimento, dr. Sobral Cid. O illustre psiquiatra recebeu-nos com aquele requinte de amabilidade que lhe é tão peculiar.

Estava no seu gabinete de trabalho cuidando de assuntos científicos. Quando dissemos ao que iam, o dr. Sobral Cid declarou-nos num tom de grande sinceridade:

—Não acredito que o meu pessoal pratique qualquer acto menos humano. O pessoal é digno da minha estima porque é disciplinado, porque é cumpridor dos seus deveres.

E com certa veemência:

—Para mim a falta disciplinar mais grave é exactamente a de desumanidade para com os doentes. Não admitiria que no estabelecimento de que sou director um empregado não fosse digno da blusa que envergava.

—Mas houve um jornal que acusou o pessoal...

—Perfeitamente. Mas essas acusações não devem passar de informações absurdas a que se não devia dar crédito.

E o illustre alienista divagou depois sobre alicunções de doentes e suas sugestões, demonstrando numa brilhante síntese que muitos dos loucos, devido a essas alicunções, acusam os enfermeiros de os agredirem, de cometerem contra eles as piores violências, que afinal apenas são o produto do seu estado mental.

A concluir o dr. Sobral Cid declarou-nos:

—Infelizmente o Manicómio, que devia ser credor do respeito de todos, tem sido vítima de insolitos ataques que dão a perceber ao público que aqui dentro falta a disciplina, quando, como é notório, às suas deficiências administrativas se podem atribuir todas as anomalias. Para destruir essas anomalias há um recurso: a autonomia administrativa.

A pesar da importância das declarações do dr. Sobral Cid quisemos ouvir alguns empregados da secretaria e alguns doentes lúcidos sobre o caso de agressões aos enfermos.

E depois de uma rigorosa investigação apurámos:

a) E' falso que tivessem sido agredidos

a cavalo marinho quaisquer doentes. Não se registou até à data um único caso.

b) E' falso que um servente agredisse um doente a pontapes.

c) E' falso que tivesse havido há pouco tempo dois casos de morte na piscina. O que houve foi o seguinte: Há cerca de cinco anos um dos doentes que trabalham e por isso não estão sob a vigilância dos enfermeiros, estava junto do tanque que existe na cerca do edifício lavando. De súbito foi acometido de um ataque e caiu sem vida para dentro do tanque. Aos gritos de alarme de alguns loucos acudiram os enfermeiros que retiraram o corpo do tanque. Perguntamos agora: são os empregados os causadores da morte deste doente?

O outro caso de morte na piscina é este confirmado pelo dr. Sobral Cid, passou-se assim: Há cerca de dois anos um grupo de cinquenta doentes (mulheres) tomava banho na piscina. Com a azafama do banho e devido ao elevado número de doentes a empregada não pôde de momento verificar a submersão de uma banhista. Só depois de se terem banhado as cinquenta doentes e quando se despejava a piscina é que se verificou que no leito estava uma doente morta. Feito um inquérito concluiu-se que a morte foi devida a congestão não sendo disso responsável a empregada motivo por que nada sofreu.

d) E' falso que o enfermeiro Fontes, da 2.ª Enfermaria, estivesse embriagado e porque um louco inofensivo estava cantando o amarrasse a um berço e o enchesse de pedras pelo rosto e corpo.

Para comprovar o que afirmamos, estamos autorizados a declarar que esse enfermeiro não ingeriu bebidas alcoólicas e que não amarrara nenhum doente pela simplicíssima razão de que na 2.ª enfermaria só existe um berço e esse há meses que está ocupado por um doente que é protegido pelo próprio enfermeiro Fontes.

e) Por tudo quanto asservermos se infere que o autor das acusações aos enfermeiros do Manicómio não passa de um caluniador e como tal deve ser tratado.

Logo para as caluniadoras todo o nosso desprezo.

Queremos o feto que lhe digamos se estamos solidários com os actos dos desempregados. Com que actos? Com aqueles que ele inventou? Com aqueles que acabamos de pulverizar?

Com esses não, porque até aos empregados atingidos eles repugnam.

Mas com os actos praticados pelos enfermeiros, que traduzem humanidade e carinho? Com estes estamos. E só destes, salvo um ou outro caso que na dívida altura focamos com veemência, é que ouvimos falar no Manicómio.

O enfermeiro neste estabelecimento é uma perfeita vítima do dever. Quantas vezes ele é agredido pelos pobres loucos, quantas vezes ele vai parar ao hospital de São José porque um doente, numa das suas terríveis crises, se lançou sobre ele como atecceu ainda há poucos dias.

A isto não falando, é claro, neste pequeno nada ocorrido há dias nesse estabelecimento em que um doente, na presença da família, depois do enfermeiro o lavar e pentear, lhe escarrou na cara e o esbofetou.

Pois este empregado ante as desculpas da família do doente respondeu:

—São osso do ofício.

Gostaríamos que o nosso reptador nos dissesse qual seria o seu estado de espírito depois dum doente fazer do seu rosto escarroz.

Se calhar achava bem.

CARTA DO PORTO

Os presos da cadeia da Relação continuam sendo vítimas duma desenfreada exploração

PORTO, 25.—A triste voz da cadeia continua a buzinar-nos como revoltantes ácerca do tal director Cameira. Firme na sua rigidez despótica, persiste na sua atitude proibitiva de não deixar entrar qualquer género alimentício destinado aos presos que estão sob a sua areal prepotência.

Em consequência desta medida carrasca, o recluso José Gaos declarou a greve da fome.

Primeiro, em sinal de protesto por, contra todos os regulamentos, lhe terem embargado a entrada de uns comestíveis de fora lhe iam; segundo, porque não está disposto a deixar-se roubar pela «benemerente» exploração da cantina do director sr. Tito Lívio—nome interessante para inquisidor de uma cadeia; terceiro, porque o rancho é detestável, tão péssimo e fora da limpeza indispensável à higiene, que talvez nem os porcos o quisessem tragar... «isto aqui é uma verdadeira inquisição» — afirmam-nos numa carta. Assim deve ser, porque quando o sr. director de todas as cadeias da Relação tomou posse do seu elevado cargo de terrível mandarin, tratou logo de dar um pau a cada «encarregado» da prisão a fim deles espantarem os presos sem d'um nem piedade...

Isto não quer dizer que o sr. Cameira seja de todo destituído de miolo. Tem até bastante habilidade para «hipnotizar» os desgraçados que têm a desdita de estar sob a sua flagelante alçada.

Para que os presos estejam bem presos aos seus caprichos, fez constar que o sr. juiz havia dito que para os presos bem comportados a sentença será uma e para os mal comportados será outra.

Compreende-se a intenção desta blague:

procura-se ludibriar os incautos para que eles não formulem o mínimo protesto contra as arbitrariedades do sr. director...

E' claro que o preso que declarou a greve da fome, por o quererem obrigar a gastar da cantina, abusivamente proibindo-lhe que pessoas de família ou amigas lhe levassem géneros alimentícios, já está com «nota má» enviada pelo director ao juiz do tribunal. Se o recluso comprasse, sem relutância, batatas apodrecidas a \$90 o quilo, favorecendo assim os interesses da aludida cantina, o caso mudaria de figura: o dono da cantina, que diz: o grande «humanitário» director da cadeia participaria ao magistrado que o José Gaos é um bom rapaz... Assim... que como rancho que mete nojo aos cães, ou que morra de fome com a sua greve — que o director nada quer saber disso...

Mas já que se falou em cantina, aí vão uns ricas preços que lá se adoptam e comprovam a benemerência da instituição: meio quilo de farinha triga, \$180; meio quilo de azeite, \$180; um quilo de assucar, \$260; 1 quilo de cebolas, \$70; 125 gr. de café cevada, \$65; dois quilos de carvão, \$160, etc. etc.

Para se comprar isto por tão bonitos preços, é que se dá aos presos o pior rancho possível...

Segundo uns dados que agora nos chegam fresquinhos, o rispido director da Cadeia da Relação, a pesar de ser um tirano, também possui sentimentos galanteadores. Aproveitando-se da sua situação, tem querido arvorar-se em Dr. Juan dentro do horrível casarão da Trágica Relação. Isto vai propositalmente rimado, porque esta narrativa merece um poema. Ora contemos

TIVOLI
Telefone N. 5474
MATINÉE ÀS 3 HORAS
SOIRÉE ÀS 9 HORAS
As Seis Ocasões de Pamplinas
Comédia dirigida e interpretada
por BUSTER KEATON (PAMPLINAS)
UM HOMEM VALENTE
com George Meisch e Cécile Evans
Complicações matrimoniais
Comédia-Farça com Dorothy Devore
Um Documentário Português
Na Matinée têm entrada gratuita
as crianças acompanhadas
de suas famílias

TEATRO NACIONAL
HOJE
Telef. N. 3049
COMPANHIA
BERTA BIVAR—ALVES DA CUNHA
A's 21 horas: representação
do sensacional drama em 4 actos
O PARALITICO
Protagonista: Alves da Cunha
No principal papel feminino a actriz
BERTA BIVAR
O mais artístico espectáculo da actualidade
Em Setubal
Operários vítimas da sua criminosa
indiferença

A' margem do conflito ferroviário de Lourenço Marques

A Batalha historiou devidamente o conflito ferroviário que em 11 de Novembro de 1925 estalou em Lourenço Marques. Paralelamente, numa série de artigos de afirmações concretas, fulminou Azevedo Coutinho e a sua camarilha de anões esfaumados, inéptos erros administrativos e escandalosos favoritismos praticados.

Ultimamente tem A Batalha demonstrado toda a ruindade da reorganização dos C. F. L. M., criticando-a em todos os seus aspectos, e para que o público bem fundamente gravada fique toda a justiça que nos assiste e assiste aos intrépidos trabalhadores de Moçambique, nas nossas colunas temos inserido trechos de artigos da imprensa conservadora, eloquentemente demonstrativos do crime que Azevedo Coutinho cometeu em Lourenço Marques fomentando um conflito que tão formidáveis prejuízos trouxe à administração da aquela colónia.

Continuando a historiar o que foi esse tremendo conflito e os resultados perniciosos a que ele conduziu, publicamos a seguir um artigo que o insuspeito Jornal do Comércio inseriu na sua edição de 13 de Setembro:

«Os casos sucedidos ultimamente nos C. F. L. M. relativamente aos combóios de domingo, 29, para Goba e Xinavane, relacionados com o «Brado Africano» e no «Emancipador», definem bem a desgraçada situação em que se encontra o material circulante e, com especialidade, as locomotivas.

Por mais que o sr. Avelar Ruas se preocupe em encobrir o caos resultante da sua inábil administração, nada conseguindo, a realidade dos factos vem demonstrando não ser possível esconder por mais tempo o abismo a que vai sendo conduzida uma das primeiras fontes de receita da província.

O C. F. L. M. dá-nos actualmente a impressão nítida de ter sido o campo de acção onde se desenrolou uma formidável batalha, tendo ficado presa dum inimigo que tudo devastou, que tudo inutilizou!

Locomotivas incapazes, vagões avariados, e até as zorras automóveis não têm escapado, por terem sido entregues a pessoal que não sabe cuidar delas, sendo pontos de lado à medida que se vão inutilizando!

A semana passada teve de recorrer-se a uma máquina série 400 para se fazer um combóio-correio, por não haver nenhuma da série 300, únicas destinadas a esses combóios e aos internacionais. De dia para dia as dificuldades aumentam, mas não se quer abertamente esclarecer esta situação, como se fosse possível por mais tempo guardar sigilo, agora que todas as atenções estão desviadas para o nosso porto e C. F. L. M.!

Para que, senhores do mando, se há-de manter este estado de coisas, se todos nós reconhecemos ser prejudicial à província, em dinheiro e em crédito?

Para que se estão solidarizando com a administração ruindosa do sr. Avelar Ruas, que a prática está demonstrando ser mais que inábil, criminoso?

E ainda teimam em não readmitir o operário que quando bem organizado os mantinham em respeito, e, cujos filiados correm pressurosos—embora apareça paradoxal—na sua grande maioria aos divertimentos, que os exploradores lhes proporcionam com o fim, em parte conseguido, de os desviarem das lides sindicais. E' ver de tabernas, os campos de futebol, igrejas, etc., abstrair os operários enquanto os sindicatos «estão às moscas».

E para completar esta triste exposição vemos quasi inertes os dirigentes dos nossos principais organismos à excepção duma pequena minoria que, por desajudada, não consegue fazer cousa alguma de jeito.

Vemos os sindicatos inativos sem que o organismo coordenador se esforce por arrastá-los do marasmo em que se encontram.

E' preciso mudar-se de vida. Façamos todo o possível por nos desviarmos do caminho inglório em que rolamos e que fatalmente conduzir a um profundo abismo, a caça da completa desorganização sindical.

E' preciso que se entre numa nova fase do movimento operário local, numa era de trabalho profícuo que só será possível se todos os esforços forem conjugados a dentro dos sindicatos operários, para que estes possam ter uma nova vida e bem assim uma acção mais ampla e eficaz.

Se houver vontade há muito que fazer. Temos bastante sindicatos para reorganizar como por exemplo: Construção Civil, Metalúrgicos, Caixoteiros, Trabalhadores Municipais, Gráficos, etc., etc.

Faça-se o possível por reorganizar estes sindicatos e quanto aos que ainda estão organizados é necessário que os seus componentes os fortaleçam, que os seus esforços se conjuguem a dentro deles e que as suas melhores atenções para eles converjam para que possam produzir trabalhos dignos de nota.

E quanto aos militantes operários urge que se compenetrarem da sua missão, deixando-se de certas questúnculas mesquinhas que a ninguém prestam antes pelo contrário só deprimem para que o movimento operário volte a ter em Setubal aquelas características que noutras épocas deram a esta cidade o honroso título de Barcelona portuguesa.—C.

Estes senhores não hesitam, ao mais fútil pretexto em lançar na miséria chefes de família que por mero acaso lhes tenham caído em desgraça. São actualmente os «amos e senhores» donos disto.

Riem eficientemente da acção dos sindicatos operários que quando bem organizados os mantinham em respeito, e, cujos filiados correm pressurosos—embora apareça paradoxal—na sua grande maioria aos divertimentos, que os exploradores lhes proporcionam com o fim, em parte conseguido, de os desviarem das lides sindicais. E' ver de tabernas, os campos de futebol, igrejas, etc., abstrair os operários enquanto os sindicatos «estão às moscas».

E para completar esta triste exposição vemos quasi inertes os dirigentes dos nossos principais organismos à excepção duma pequena minoria que, por desajudada, não consegue fazer cousa alguma de jeito.

Vemos os sindicatos inativos sem que o organismo coordenador se esforce por arrastá-los do marasmo em que se encontram.

E' preciso mudar-se de vida. Façamos todo o possível por nos desviarmos do caminho inglório em que rolamos e que fatalmente conduzir a um profundo abismo, a caça da completa desorganização sindical.

E' preciso que se entre numa nova fase do movimento operário local, numa era de trabalho profícuo que só será possível se todos os esforços forem conjugados a dentro dos sindicatos operários, para que estes possam ter uma nova vida e bem assim uma acção mais ampla e eficaz.

Se houver vontade há muito que fazer. Temos bastante sindicatos para reorganizar como por exemplo: Construção Civil, Metalúrgicos, Caixoteiros, Trabalhadores Municipais, Gráficos, etc., etc.

Faça-se o possível por reorganizar estes sindicatos e quanto aos que ainda estão organizados é necessário que os seus componentes os fortaleçam, que os seus esforços se conjuguem a dentro deles e que as suas melhores atenções para eles converjam para que possam produzir trabalhos dignos de nota.

E quanto aos militantes operários urge que se compenetrarem da sua missão, deixando-se de certas questúnculas mesquinhas que a ninguém prestam antes pelo contrário só deprimem para que o movimento operário volte a ter em Setubal aquelas características que noutras épocas deram a esta cidade o honroso título de Barcelona portuguesa.—C.

Estes senhores não hesitam, ao mais fútil pretexto em lançar na miséria chefes de família que por mero acaso lhes tenham caído em desgraça. São actualmente os «amos e senhores» donos disto.

Riem eficientemente da acção dos sindicatos operários que quando bem organizados os mantinham em respeito, e, cujos filiados correm pressurosos—embora apareça paradoxal—na sua grande maioria aos divertimentos, que os exploradores lhes proporcionam com o fim, em parte conseguido, de os desviarem das lides sindicais. E' ver de tabernas, os campos de futebol, igrejas, etc., abstrair os operários enquanto os sindicatos «estão às moscas».

E para completar esta triste exposição vemos quasi inertes os dirigentes dos nossos principais organismos à excepção duma pequena minoria que, por desajudada, não consegue fazer cousa alguma de jeito.

Vemos os sindicatos inativos sem que o organismo coordenador se esforce por arrastá-los do marasmo em que se encontram.

E' preciso mudar-se de vida. Façamos todo o possível por nos desviarmos do caminho inglório em que rolamos e que fatalmente conduzir a um profundo abismo, a caça da completa desorganização sindical.

E' preciso que se entre numa nova fase do movimento operário local, numa era de trabalho profícuo que só será possível se todos os esforços forem conjugados a dentro dos sindicatos operários, para que estes possam ter uma nova vida e bem assim uma acção mais ampla e eficaz.

Teatro da Trindade
A's 21 horas
Grandiosa festa de homenagem à eminente actriz **LUCINDA SIMÕES**
Representação da peça em 3 actos
Uma mulher sem importância
Diplomacia americana
Peça em 1 acto de D. MARIA NOBREGA
A noite de Lucinda
cujo elogio será feito pelo jornalista Norberto de Araújo, e apoteose, a qual prestam o seu concurso diversos artistas

TEATRO SALÃO FOZ
Matinée às 15 h. Soirée às 20,45 h.
O GRANDE SUCESSO DA ACTUALIDADE
A grande atracção da fama mundial
KOSIKA VRANDJA
nos seus magníficos bailados egípcios e camódgeos, género desconhecido em Portugal
ULTIMOS ESPECTÁCULOS da apudada arte
PITUSILLA
que hoje apresenta novos números
Seleções de ópera, ópera e variedade pelo famoso tenor
MIGUEL ARTELLI
Concerto pela FOZ MELODY BAND
No écran: A AVO — 7 p. (última exibição)
PREÇOS ULTRA POPULARES
Superior, 2000; Plateia ou Balcão, 5000; Camarotes, 15000; Frisas, 20000;

TEATROS
«A Noite de Lucinda»
O programa da festa de homenagem que hoje se realiza na Trindade comemorando os 60 anos de teatro da eminente actriz Lucinda Simões e a sua despedida da scena portuguesa, é o seguinte: a representação da peça «Uma mulher sem importância», a peça em um acto, original de D. Maria Nobrega, «Diplomacia Americana» por Lucinda e Lucília Simões; «A noite de Lucinda», cujo elogio será feito pelo escritor e jornalista Norberto de Araújo; a «Apoteose» na qual prestam o seu concurso, apresentados por Samuel Diniz, os notáveis artistas: Adeline Abranches, Aldina de Sousa, Amélia Rey Colaço, Ausenda de Oliveira, Berta de Bivar, Deolinda de Macedo, Emilia de Oliveira, Ester Leão, Hortense Luz, Luisa Satael, Sofia Santos, Tereza Gomes, Ivone Lambert, Almeida Cruz, Alvaro de Almeida, Antonio Gomes, Augusto de Melo, Carlos de Oliveira, Estevão Amarante, Fernando Pereira, José Alves da Cunha, Luis Pinto, Ribeiro Lopes, Robles Monteiro, Silvio Vieira e Vasco Santana, sendo os acompanhamentos ao piano executados pelos maestros Wenceslau Pinto e António Gomes.

Foi ontem, definitivamente, que se inaugurou a época de inverno no teatro Nacional. Subiu à scena o drama «O Paralitico», que há 54 anos se não representava em Lisboa. «O Paralitico», uma das grandes obras de glória do grande actor António Pedro, foi interpretado pelo eminente actor José Alves da Cunha que acrescentou mais um papel de grande responsabilidade à sua já larga carreira artística.

«O Paralitico» teve a seguinte distribuição: «Jerónimo», José Alves da Cunha; «Fanny», Berta de Bivar; «Mariquinhas», Maria Isabel; «Clara», Branca Riquetti; «Silvino», Carlos de Oliveira; «Marques», António Sacramento; «Luis», Ribeiro Lopes; «Mestre Jacques», Calzans e «Criador», Shore.

A peça, que é muito movimentada, pois que durante os quatro actos entram em scena uma filarmónica, camponeses, cães de caça e um cavalo, foi cuidadosamente ensaiada pelo hábil e considerado «meteu-en-scene» Araújo Pereira.

A carreira de «O Pão de Ló»
Está de novo em pleno sucesso o «vaudeville» da Avenida, «O Pão de Ló». Enchem-se todas as noites, pedidos antecipados de bilhetes para toda a semana, gente que se junta à porta do teatro logo que a noite chega, aplausos a todos os artistas da popular companhia Satanela-Amarante, camarotes cheios, plateia repleta e toda aquela alegria, todo aquele prazer de rir e gozar que só as peças divertidas como estas são capazes de oferecer.

—A companhia lida Stichini-Alexandre Azevedo, que se estreia no dia 3 de Novembro no Politeama, inaugurará a época de inverno com a peça «Os filhos».

—Mais uma sensacional estreia se realizou ontem no Coliseu dos Recreios: a dos notáveis acrobatas excentricos Multi, que com os celebre gymnastas portugueses Azoumas, com os apreciados artistas que constituem o Trio Tainy e com todas as outras celebridades que compõem a grande companhia de circo, prefazem um admirável programa digno de ser visto por todas as pessoas, ainda as mais exigentes em espectáculos de circo. Hoje realiza-se uma grandiosa «matinée».

—A inspirada partitura que o maestro Alonso escreveu para a bela opereta «Maravilhas» (La Catedral), o colossal sucesso de todas as noites no São Luís e a que o maestro Wenceslau Pinto, os artistas e a orquestra dão relevo e cor, é das mais belas que ultimamente se têm ouvido.

A' venda na administração de «A Batalha»
Cartilha do homem do povo..... 50
Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Lorigne..... 50
O que é ser socialista, por Ernesto da Silva e Ladislau Batalha..... 50
Dens, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva..... 150
Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar..... 100
A Humanidade, por Tarat Javal..... 150
O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin..... 200
Monarquia Jesuítica, por Melchior Zúchofer..... 200
Os gatos, por Fialho de Almeida, os três primeiros números da 2.ª série..... 250
O Mitrismo, pelo prof. Almeida Paiva..... 250
Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas..... 300
A Religião da Humanidade, por José Augusto Correia..... 350
A Filologia perante a História, por Nobre França..... 500

TEATRO AVENIDA
Telef. N. 1395
O teatro mais popular de Lisboa
HOJE, às 21,30 horas
COMPANHIA SATANELA-AMARANTE
Espectáculo sem rival em Lisboa e o único teatro que explora com êxito e agrado, o género da comédia musicada
O monumental «vaudeville»
O PÃO DE LÓ
A BATALHA na provincia e arredores
Setúbal
Rendimentos dos operários

SETUBAL, 21.—Temos hoje a relembrar outro desastre ocorrido nas obras que a celebre Société Anonyme de Produits e Engros Chimiques está levando a efeito no sítio das Praias, tendo sido vítima desta vez um pobre operário de nome Augusto Cesar Pacheco que teve de sofrer a amputação da perna direita, pelo terço superior da coxa, por ter ficado com ela esmagada.

Como já referimos o trabalho é feito em péssimas condições, e é também péssimo o que sucede, motivo pelo qual os desastres se sucedem, havendo a lamentar todos os dias acidentes de mais ou menos gravidade.

A vida dos trabalhadores continua à mercê destes modernos negreiros que não têm por ela a menor consideração. A atestar o que dizemos está o facto de no referido local não existir a menor espécie de medicamentos com que se possa prestar os primeiros socorros aos operários que consecutivamente são vítimas de desastres.

Quando do desastre que relatámos, como não houvesse no local sequer uma ligadura tiveram que atar sacas servidas de cimento à perna do infeliz sinistrado para que se fizesse a hemostase.

O ferido, que como dizemos sofreu a amputação duma perna, continua em estado grave no hospital desta cidade.—C.

Foz do Douro
A ganância dos mestres de obras
FOZ DO DOURO, 25.—Há quasi um ano sobre a data em que os mestres da construção civil reduziram os salários dos operários que servem sob as suas ordens. Aproveitaram-se da crise de trabalho para tal fazer, pretendendo ser o «elevado» preço da mão de obra uma das causas da crise, pretexto, afinal, estúpido e mau, pois o trabalho continua faltando.

O operariado, alheio a toda a organização sindical — apenas se preocupando com o futebol, aceitou, sem um gesto de revolta, esta extorção.

E o tempo passou, até que, hoje, nova redução de ordenados se fez sentir.

Foi um dos mais importantes mestres que no penúltimo sábado, sem um simples aviso de dias sequer, cortou de um a dois escudos a todos os operários. Quando em tempos, este mestre, aumentava os ordenados, certo operário apenas recebia metade do que era dado aos restantes. Porém, não procedeu agora igualmente, diminuindo-lhe menos.

Não! Reduziu-lhe tanto como aos que auferiam maiores salários, o que mais revoltante torna a redução geral, quando, como agora, a vida se agrava cada vez mais, devido ao encarecimento dos géneros de primeira necessidade. Aproveitam-se da situação do proletariado e da enorme crise que tudo avassala, para estes assaltos.

Os operários não devem tardar o seu ingresso nos sindicatos, não só para obter a continuação destes abatimentos — que os forçar a reduzir o já escasso pão dos filhos — como para, numa união solidária, se imporem aos que vivem do seu esforço.—C.

Leiria
O descanço dominical no comércio

LEIRIA, 26.—Embora caminhando por entre os aplausos e incitamentos de uns, e ódios e malquerenças doutros, nós, na missão de correspondente de A Batalha, pois que, para assim não proceder, nunca teríamos aceitado este cargo, continuaremos a instigar, mas com razão, quem quer que seja, nesta terra em que a organização está num caos, devido ao desleixo e incuria do povo trabalhador.

E, dito isto, comecemos.

Há já meses que, nos jornais daqui, há debatidíssima uma questão, que trouxe apaixonados todos aqueles que almejam a conquista de regalias a quem têm jás; foi o descanço dominical, para o comércio.

Chegou-se mesmo, numa sessão realizada na sede da Associação dos Caixeiros e convocada expressamente para esse fim, a nomear uma comissão composta por José Lino Carlos Franco e José Domingues Trindade, comissão essa a que foram dados plenos poderes para estudar o assunto e intensificar uma campanha orientada, em todos os jornais.

Essa comissão que, animada da melhor boa vontade, encetou os trabalhos imediatamente, chegou mesmo a ir a Lisboa onde conferenciou com alguns deputados, directores de jornais, etc., de molde a que, em ocasião achada oportuna, fosse levantada a questão no Parlamento, ao mesmo tempo que os jornais encetavam a campanha.

Mas... sempre o horrível mas, passados já já meses e essa ocasião oportuna ainda a comissão a não encontrou.

Porque seria? Não sabemos.

Essa comissão, que vimos, de princípio, afanosamente, compilando elementos para que a sua justa aspiração não fracassasse, emudeceu por completo, votando, ao que parece, o descanço dominical ao ostracismo.

Embora discordemos da orientação que estes desejavam imprimir à campanha, porquanto essa regalia devia ser conquistada pelo esforço da classe e não com a cooptação de políticos, lamentamos que se tivessem recolhido a um estado apático, que muito vem prejudicar a classe a que pertencem.

Necessário se torna que a referida comissão volte à lica mas animada por uma vontade inequívoca de vencer. Bem sabemos que, por parte do patronato comercial contam com alguns inimigos fideis, mas a classe unida como uma só pessoa, animada por uma só vontade, e orientada por mão segura, de certo vencerá.

Basta que, para isso, modifiquem a orientação que tem a sua Associação, espírito meramente conservador, e fazendo-a desviar para o campo revolucionário, enfileirando assim ao lado de todos os explorados.—C.

com os olhos fitos no documento que está à nossa frente.

Na cadeia está um preso que se chama Eugénio da Silva Madeira, primo do conhecido Pedro Mourão. Acompanhada de sua mãe costumava ir visitá-lo uma menina honesta, que é seu namorado e filha de um ourives de Costa Cabral. Um dia essa menina foi sózinha, dirigindo-se à secretária, porque era lá que recebia a visita. Então o director, esquecendo-se da responsabilidade da sua posição e do respeito que deve manter para com o seu semelhante, principalmente quando é do sexo feminino, arregalou os olhos, apurou-se dandineiramente e arrastou a asa à volta da tal menina que pretendia perdê-la. Ardendo em desejos, dirigiu-se-lhe assim, pouco mais ou menos: «Desceja falar-lhe em particular, minha menina, e queria também acompanhá-la... Era um descarado desafio à valsa prostituidora, mas a dita moça repeliu-lhe energicamente o galanteio brutal, respondendo-lhe que nada tinha que lhe falar em particular nem tampouco que a acompanhar.

Depois contou tudo ao namorado e este, com as lágrimas nos olhos, as lágrimas da revolta e de quem se não pode vingar, narrou o estúpido caso aos seus companheiros de prisão. Por isso não é para admirar que se diga que o régu da cadeia andou em tempos em cima duma tal Rosalina Martins —hoje já em liberdade—perseguido-a te-nazmente...

Ora ali estão as belezas humanitárias do sr. Camela, belezas, aliás, que a imprensa burguesa ou partidária não estampa nas suas colunas... Pois seria bom que o fizesse, para conhecimento exacto daquela prenda... patibular...

C. V. S.

A VENDA A 10.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO
Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.
Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.
A obra mais barata que na gènera se publica

SOCIEDADES DE RECREIO

Sociedade Filarmónica União Artística Piedense—Realizou-se no passado dia 24 o 37.º aniversário da fundação desta agremiação, que percorreu as ruas da localidade tocando o seu hino e cumprimentando todos os organismos operários.

Pelas 14 horas realizou-se uma sessão solene fazendo uso da palavra vários oradores. No final deu o concerto a Tuna Tondense, que executou com arte várias peças de música do seu vasto repertório e que foi muito aplaudida.

Os aprendizes de música desta banda ofereceram ao seu professor, sr. José Cerqueira, um objecto de arte.

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5310, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 63.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidades far-se-á um abtimento de 50 por cento em cada folheto de 50 folhetos.

Debilos a admittre de D. BATALHA

Biblioteca de Instrução Profissional

Manuais de officios	
Galvanoplastia.....	18\$00
Moteres de explosão.....	20\$00
Navegação.....	16\$00
Cimento armado.....	25\$00
Construção Civil	
Acabamentos das construçoes.....	16\$00
Alvenaria e Cantaria.....	13\$00
Edificações.....	13\$00
Encanamentos e salubridade das habitações.....	13\$00
Materiais de construção.....	20\$00
Terraplenagens e alieceres.....	13\$00
Trabalhos de Carpintaria.....	16\$00
Diversas indústrias	
Condutor de Máquinas.....	20\$00
Fogoeiro.....	16\$00
Formador e estuador.....	12\$00
Fundidor.....	13\$00
Piloteagem.....	16\$00
Industria alimentar.....	12\$00
Industria do vidro.....	12\$00
Mecânica	
Torno e Frazador mecânicos.....	15\$00
Desenho de máquinas.....	25\$00
Material agrícola.....	13\$00
Momentatura de caldeiras e máquinas a vapor.....	13\$00
Problemas de máquinas.....	16\$00
Elementos gerais	
Algebra elementar.....	13\$00
Arithmetica practica.....	15\$00
Desenho linear geometrico.....	12\$00
Elementos de electricidade.....	30\$00
Elementos de fisica.....	12\$00
Elementos de Mecânica.....	12\$00
Elementos de Modelação.....	12\$00
Elementos de Projecções.....	16\$00
Elementos de Quimica.....	12\$00
Geometria plana e no espaço.....	13\$00
Fabricante de teidos.....	13\$00

SETUBAL, 26.—E' verdadeiramente deplorável e bastante deprimente para o operariado local, o facto de a organização sindical desta cidade se encontrar num vergonhoso estado de decadência, do qual os maiores culpados são os trabalhadores por terem votado a um criminoso abandono os seus sindicatos profissionais.

E' espantoso que numa calamitosa época de crise como a que presentemente atravessa Setúbal, os operários ainda não tenham compreendido que só mercê de esforços tenacissimos conseguirão amenizar um pouco o cruciante sofrimento que os atormenta, lhes abrevia a existência e lhes tortura os entes queridos. Estes esforços só poderão produzir resultados apreciáveis se forem conjugados a dentro do único meio de defesa dos proletários — o sindicato profissional. Não é com a sua manifestação apatia pelos sindicatos, que os operários conseguirão eximir-se ao penoso calvário que ora lhes domina a existência.

Os sindicatos são desprezados pelos produtores que só a eles acorrem quando em perigo iminente, ou quando estejam em riscos de ser despedidos das oficinas em que trabalham. E isto nem sempre sucede!

De contrário convocam-se reuniões e reuniões para se tratar de assuntos mais importantes e decisivos e, nunca se logra obter uma frequência animadora.

Disto não se passa, nada de previsões. Os que se encontram colocados nunca pensam que podem dum momento para o outro ver-se reduzidos à miséria ocasionada pela crescente crise de trabalho que nos domina, e muitas vezes nem os operários despregados convergem para o seu sindicato que encaram como uma coisa inútil.

Dêste triste axioma aproveitam-se os infelizes operários que têm a desdita de lhes cair sob as adunças garras.

Estes senhores não hesitam, ao mais fútil pretexto em lançar na miséria chefes de família que por mero acaso lhes tenham caído em desgraça. São actualmente os «amos e senhores» donos disto.

Riem eficientemente da acção dos sindicatos operários que quando bem organizados os mantinham em respeito, e, cujos filiados correm pressurosos—embora apareça paradoxal—na sua grande maioria aos divertimentos, que os exploradores lhes proporcionam com o fim, em parte conseguido, de os desviarem das lides sindicais. E' ver de tabernas, os campos de futebol, igrejas, etc., abstrair os operários enquanto os sindicatos «estão às moscas».

E para completar esta triste exposição vemos quasi inertes os dirigentes dos nossos principais organismos à excepção duma pequena minoria que, por desajudada, não consegue fazer cousa alguma de jeito.

Vemos os sindicatos inativos sem que o organismo coordenador se esforce por arrastá-los do marasmo em que se encontram.

E' preciso mudar-se de vida. Façamos todo o possível por nos desviarmos do caminho inglório em que rolamos e que fatalmente conduzir a um profundo abismo, a caça da completa desorganização sindical.

E' preciso que se entre numa nova fase do movimento operário local, numa era de trabalho profícuo que só será possível se todos os esforços forem conjugados a dentro dos sindicatos operários, para que estes possam ter uma nova vida e bem assim uma acção mais ampla e eficaz.

Se houver vontade há muito que fazer. Temos bastante sindicatos para reorganizar como por exemplo: Construção Civil, Metalúrgicos, Caixoteiros, Trabalhadores Municipais, Gráficos, etc., etc.

Faça-se o possível por reorganizar estes sindicatos e quanto aos que ainda estão organizados é necessário que os seus componentes os fortaleçam, que os seus esforços se conjuguem a dentro deles e que as suas melhores atenções para eles converjam para que possam produzir trabalhos dignos de nota.

E quanto aos militantes operários urge que se compenetrarem da sua missão, deixando-se de certas questúnculas mesquinhas que a ninguém prestam antes pelo contrário só deprimem para que o movimento operário volte a ter em Setubal aquelas características que noutras épocas deram a esta cidade o honroso título de Barcelona portuguesa.—C.

Estes senhores não hesitam, ao mais fútil pretexto em lançar na miséria chefes de família que por mero acaso lhes tenham caído em desgraça. São actualmente os «amos e senhores» donos disto.

Riem eficientemente da acção dos sindicatos operários que quando bem organizados os mantinham em respeito, e, cujos filiados correm pressurosos—embora apareça paradoxal—na sua grande maioria aos divertimentos, que os exploradores lhes proporcionam com o fim, em parte conseguido, de os desviarem das lides sindicais. E' ver de tabernas, os campos de futebol, igrejas, etc., abstrair os operários enquanto os sindicatos «estão às moscas».

E para completar esta triste exposição vemos quasi inertes os dirigentes dos nossos principais organismos à excepção duma pequena minoria que, por desajudada, não consegue fazer cousa alguma de jeito.

Vemos os sindicatos inativos sem que o organismo coordenador se esforce por arrastá-los do marasmo em que se encontram.

E' preciso mudar-se de vida. Façamos todo o possível por nos desviarmos do caminho inglório em que rolamos e que fatalmente conduzir a um profundo abismo, a caça da completa desorganização sindical.

E' preciso que se entre numa nova fase do movimento operário local, numa era de trabalho profícuo que só será possível se todos os esforços forem conjugados a dentro dos sindicatos operários, para que estes possam ter uma nova vida e bem assim uma acção mais ampla e eficaz.

Se houver vontade há muito que fazer. Temos bastante sindicatos para reorganizar como por exemplo: Construção Civil, Metalúrgicos, Caixoteiros, Trabalhadores Municipais, Gráficos, etc., etc.

Faça-se o possível por reorganizar estes sindicatos e quanto aos que ainda estão organizados é necessário que os seus componentes os fortaleçam, que os seus esforços se conjuguem a dentro deles e que as suas melhores atenções para eles converjam para que possam produzir trabalhos dignos de nota.

E quanto aos militantes operários urge que se compenetrarem da sua missão, deixando-se de certas questúnculas mesquinhas que a ninguém prestam antes pelo contrário só deprimem para que o movimento operário volte a ter em Setubal aquelas características que noutras épocas deram a esta cidade o honroso título de Barcelona portuguesa.—C.

RENDIMENTOS DOS OPERARIOS

Desaerregador colhido por uma lingada

No Banco do Hospital de S. José, recebeu curativo Francisco Nunes de Oliveira, de 33 anos, natural de Oleiros e residente na rua de Entremuros do Mirante, Quinta de Ferro, 4, descarregador da Companhia do Tráfego da Exploração do Porto de Lisboa, o qual, na muralha de St.ª Apolónia, foi colhido por uma lingada de tubos de chumbo, ficando muito confuso nas pernas. Depois de pensado, foi transportado num auto da Cruz Vermelha, a casa.

Jornaleiro caído a um poço

Na Sala de Observações do Hospital de S. José, faleceu ontem à tarde José Inácio, jornaleiro no lugar de Camela Velha (Mafra), que caiu ante-ontem dentro de um poço que ali, juntamente com outros trabalhadores, andava abrindo. O cadáver foi removido para a Casa Mortuária do mesmo hospital.

Marítimo vítima de uma queda

No posto da Cruz Vermelha do Calvário, recebeu curativo e seguiu para bordo, António Silvestre, de 47 anos, marítimo, natural e residente em Alcochete, e que, caiu de uma prancha a bordo de uma fragata, fundada na muralha de Alcântara, ficando ferido na cabeça e contuso na perna esquerda.

INSTRUÇÃO

Foram nomeadas professoras effectivas dos liceus femininos de Lisboa, 3.º grupo, D. Adelaide C. Teles; 1.º grupo, D. Amélia Pereira de Figueiredo, D. Maria Guerreiro Machado; 5.º grupo, D. Ermínia da Encarnação e Sousa e D. Maria Eulália Balacá; 7.º grupo, D. Beatriz Ferreira Nobre; 8.º grupo, D. Maria Baptista dos Santos Guardado e D. Júlia da Conceição Figueiredo.

Também foram nomeados: professor efectivo do 2.º grupo do liceu de Faro, o sr. José António Dentinho Júnior, e regentes de canto coral, do liceu de Coimbra, o sr. António de Campos Felizes e do liceu feminino do Porto, D. Cesária Lira.

NOVIDADE LITERARIA

«A Peregrina»
— DO —

Mundo Novo»
— DO —

NOVELA POR

Ferreira de Castro

A' venda nesta Administração

Esc. 6\$00

Trotsky. — Constituição política da República dos Sovietes..... 5\$0

G. Williams. — O congresso da Internacional Sindical Vermelha..... 1\$00

MARCO POSTAL

Vale de Vargo.—Associação dos Rurais.—Recebemos carta e 28\$50. Pagou a assinatura de 1 de Agosto a 31 de Outubro, do ano passado.

Relíquias.—Mauel Marques.—Recebemos 7\$50, que pagou o corrente mês. Recebemos em 4 do corrente um vale de igual quantia. O recibo que mandamos a cobrança de 15\$00, era também contando com o mês de Novembro p. f.

Mortagua.—Mauel P. Moita.—Pode enviar quantas julgue convenientes e interessantes.

CAMBÍOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	—	—
Madrid, cheque	2597	—
Paris, cheque	560,5	—
Bruxelas, cheque	3578	—
Suiza, cheque	555	—
New-York, cheque	19\$60	—
Amsterdão, cheque	7584	—
Itália, cheque	387	—
Brasil, cheque	2570	—
Praga, cheque	558,5	—
Suécia, cheque	5524	—
Austria, cheque	2577	—
Berlim, cheque	4567	—

TEATROS

Nacional.—A's 21.—O Paraliático.

Príncipe.—A's 21.—A noite de Lucinda.

Avenida.—A's 21,30.—O Pão de Ló.

São Luís.—A's 21.—Maravilhas (La Calésa).

den-Teatro.—A's 22,45 e 22,45.—Cabaz de Morangos.

Variedades.—A's 20,30 e 22,30.—Sarcicó.

Maria Vitória.—A's 20,30 e 22,30.—Pistóla.

Coliseu dos Recreios.—A's 21.—Companhia de circo.

ANIMATÓGRAFOS E VARIEDADES

Salão Foz.—A's 15 e 21.—Variedades e animatógrafo.

Tivoli.—Animatógrafo.

Condes.—Animatógrafo e concerto.

Olímpia.—Animatógrafo.

Central.—Animatógrafo.

Chiado Terrace.—Animatógrafo e variedades em conjunto.

Gil Vicente.—Animatógrafo.

Chant-eler.—Animatógrafo.

Ideal.—(Rua do Loreto).—Animatógrafo.

Cine Esperança.—Animatógrafo.

Jardim Zoológico.—Exposição permanente de animais.

COMPANHIA NACIONAL DE NOUVELO

Vapor LOURENÇO MARQUES

Safrá, no dia 15 de Novembro, para Madeira, Príncipe, São Tomé, Loanda, Amboim, Lobito, Mossamedes, Cabo (Cape Town), Lourenço Marques, Beira e Moçambique; e para Inhambane, Chinde, Quelimane, Pebano, Angeche, Porto Amelia e Ibo com trasbordo.

Para carga, passageiros e quaisquer esclarecimentos: Em Lisboa, Rua do Comércio, 85.—No Porto, Rua da Nova Alfândega, 34.

Caminhos de Ferro do Estado

Previdência do Ferrovário do Sul e Sueste

EDITOS DE 30 DIAS

Pela Comissão Administrativa da Previdência do Ferrovário do Sul e Sueste, correm editos de 30 dias, nos termos do artigo 12º e seus parágrafos dos respectivos Estatutos, a contar da última publicação deste anúncio no Diário do Governo, citando todas as pessoas incertas que se julguem com direito ao todo ou a parte da quantia de sete mil novecentos e oitenta escudos (7.980\$00) valor do auxílio de que trata o artigo 17º e seu parágrafo único dos citados Estatutos, deixado pelo sócio n.º 2720, Arquimínio Dias, falecido em 2 de Outubro corrente, e a cuja quantia se habilitaram seus pais Joaquim Dias e Francisca Pires.

Lisboa e sede da Previdência do Ferrovário do Sul e Sueste, aos 23 de Outubro de 1926.

O Secretário da Comissão Administrativa, Vitor Lupi.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulada *El drama de un amor vulgar*, de J. Rodriguez Aragón. — Preço, 5\$0. — Pedidos à administração de A Batalha.

28-10-1926

OS MISTÉRIOS DO POVO

N.º 844

Começavam, em virtude da conspiração da corte, a faltar as farinhas; uma rapariga do bairro do mercado entrou na casa da guarda de Santo Eustáquio, pegou num tambor e percorreu as ruas rufando e bradando:—Pão!... pão!

Muitas mulheres se juntam a ela e invadem a casa da Câmara onde está reunido o Directório, manifestamente monárquico; estas valentes gaulesas reclamam armas e pólvora, exclamando:

—Se os homens tiverem a cobardia de nos não quererem acompanhar a Versalhes, nós iremos nós pedir pão ao rei e vingar o insulto feito à insignia nacional!

Estanislau Maillard, um dos heróis da Bastilha, fala a estas corajosas mulheres, que o reconhecem como chefe e marcham com ele sobre Versalhes. Uma deputação de granadeiros da guarda nacional vai ter com o general La Fayette, e fala-lhe nos termos seguintes:

—General, nós vimos em nome de seis companhias de granadeiros. Não o julgamos um traidor, general, mas julgamo-nos traídos pelo governo, e é preciso pôr termo a isto! Não há pão, e o povo precisa dele. Nós não devemos usar as nossas baionetas contra mulheres; se a origem do mal está em Versalhes, vamos lá buscar o rei e trazê-lo para Paris. E' também preciso punir os guardas do corpo e os oficiais do regimento de Flandres, que, numa orgia real, calcaram a pés o emblema nacional. Se o rei não pode com a coroa... que a largue!

Vendo a exasperação popular, La Fayette montou a cavalo e deu-lhe próprio o sinal da partida. A guarda nacional marchou para Versalhes, precedida dum dez mil mulheres. Minha irmã Vitória ia com elas; foi ela quem me descreveu, como segue, aquela expedição:

... Pelo caminho, as mulheres recrutaram muitas companheiras de viagem para Versalhes; o cais da Ferrageme está cheio de angariadoras; a robusta cozinheira, a elegante modista e a humilde costureira

FATOS
completos e
sobretudo
129\$00
Calças desde 35\$00

IMPERMEÁVEIS INGLESES com sifão e capuz desde 149\$00

SETINS para forros em preto e cores. Largura 1,40, metro, desde 9\$00

Grande sortido de fatos e sobretudo, feitos e por medida

ABATIMENTOS PARA REVENDA

170, Rua da Boa Vista, 172

ISQUEIROS
Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA
LARGO DO CONDE BARÃO, 55
Tabacaria e Kiosque

Policlínica da Rua do Ouro
Entrada: RUA DO CARMO, 98
TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões.—Dr. Armando Narcao.—A's 9 horas.

Cirurgia, operações.—Dr. Bernardo Vilas—4 horas.

Rins, vias urinárias.—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.

Pele e sífilis.—Dr. Correia Figueiredo—11 e 5 horas.

Doenças nervosas, electroterapia.—Dr. R. Loff—2 horas.

Doenças dos olhos.—Dr. Mário de Matos—2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos.—Dr. Mário Oliveira—12 horas.

Estômago e intestinos.—Dr. Mendes Belo—3 horas.

Doenças das mulheres.—Dr. Emilio Paiva—2 horas.

Doenças das crianças.—Dr. Filipe Manno—12 horas.

Tratamento de diabetes.—Dr. Ernesto Roma—3 horas.

Boca e dentes.—Dr. Armando Lima—10 horas.

Cancro e rádio.—Dr. Cabral de Melo—4 horas.

Raio X.—Dr. Aleu Saldanha—4 horas.

Análises.—D. Gabriela Beato—4 horas.

NAO SOFRAM MAIS!



—Use HERPETOL para as —

doenças da pele —

Um gota deste medicamento acalma e fazem por completo desaparecer a coceira.

O HERPETOL é a realidade o primeiro medicamento descoberto para as doenças da pele, tais como: ECZEMAS, MANCHAS, ERUPÇÕES, ESPINHAS, CROSTAS, ARDENCIA NA PELE e MORDEREDURAS DE INSECTOS.

Instantes depois da aplicação, o paciente vê com regozijo sintomas de restabelecimento.

A CURA É CERTA, em muitos casos um só frasco e o suficiente para uma cura. Se sofre, compare sem demora esta especialidade que se vende nas principais farmácias.

DEPOSITOS:

LISBOA, R. DA PRATA, 237, 1.º

"Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração.—Empresa Literária Fluminense, Limit.—R. dos Rios, 125—LISBOA.

A' venda na administração de A Batalha.

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A
TODOS OS TRABALHADORES

Tudo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante a seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imediatamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de ESC. 100\$00 MENSAIS pagas enquanto for vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL

Companhia de Seguros Sede — Rua Garrett, 95 LISBOA

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Mediante um ligeiro sôber-prémio, A MUNDIAL põe-vos-há ao abrigo da DOENÇA E INVALIDEZ

O AUTOMÓVEL SÓ ERA
ACESSIVEL AOS RICOS
A Cooperativa Lisbonense
de Chauffeurs
PROLETARIZOU-O

Porisso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o táxi "Citroën" (palhinha amarela) a qualquer outro

Telefones: Norte 5521 e 5528
Escritório e Garagem: Rua Almirante Barroso, 21

FATOS
A 220\$ feitos por medida em boas casemiras. Recebem-se fatos a feito e forros por 120\$. — ALFAIATARIA DIAS, 84, rua D. Pedro V, 86.

Menstruação
Aparece rapidamente seja qual for a causa tomando o **FERREOL**

Não prejudica a saúde. Caixa 15\$00. Envia-se pelo correio à cobrança.

FARMACIA CUNHA
R. da Escola Politécnica 16 e 18 LISBOA

Edições SPARTACUS
A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3\$00.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6\$00.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6\$00.

A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: "Livraria Renascença", rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

PÓ RODRIGUES
O melhor INSECTICIDA para a DESTRUIÇÃO DE PULGAS, PERCEVEJOS, BARATAS, FORMIGAS, etc.

UNICOS DEPOSITARIOS EM PORTUGAL

SALVADOR BARATA, L.ª
FABRICANTES DOS ALUMINOS marca "GRUOTH"

19-A, RUA DAS GAVOTAS, 19-C LISBOA

AGENTES: no Porto—Sociedade de Produtos Químicos, L.ª, R. 31 de Janeiro, 17, 1.º—Mas ILHAS—José Gons Ferreira—Funchal

A Revolução Francesa
Uma obra admirável que todos devem ler

E' aquele o título do novo livro que A Batalha está publicando em folhetins da colecção "Mistérios do Povo", por Eugene Sue.

Trata-se do último livro daquela soberba colecção, o que tem maior intensidade de acontecimentos, onde a alma popular preenhe de aspirações de justiça mais se evidencia e mais nos fala dos grandes acontecimentos renovadores que Eugene Sue soube, com a sua pena brilhante, romantizar.

Os nossos leitores que não tenham acompanhado os livros anteriores podem, sem prejuizo da obra, iniciar a leitura, visto que cada volume trata duma época histórica e constitui uma obra completa.

A pena inspirada de Eugene Sue soube encontrar nesse belo e dramático acontecimento todas as suas fases emotivas e embelezar todas as grandes scenas desenroladas em torno dum rei que encarnava a tirania e dum povo que se bateu com energia, com audácia, com sublime e abnegado heroísmo pela liberdade e pela morte de grandes e iníquos preconceitos que ficaram para sempre aniquilados.

Na obra de Sue o povo atinge as alturas máximas da revolta e da justiça. Todos têm o dever de ler esta obra mirável.

História Universal del Proletariado

"Vinte séculos de opresion capitalista"

Esta publicação em lingua espanhola que se encontra a venda na nossa administração, é o reletto histórico, documentadissimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.

Cada fascículo de 48 páginas, 1900, pelo correio, registado, 1\$50.

Estão publicados os seguintes fascículos:

- 1.º—"La era de la esclavitud";
- 2.º—"La rebelión de Espartaco";
- 3.º—"Abolición de la esclavitud";
- 4.º—"Abyección y Servidumbre";
- 5.º—"La revolución de los siervos";
- 6.º—"La miseria de los agricultores";
- 7.º—"Transformación del Poder Feudal";
- 8.º—"El comunismo cristiano";
- 9.º—"Los miserables en la Edad Media";
- 10.º—"La libertad fusilada";
- 11.º—"La agonia del absolutismo";
- 12.º—"El trabajo motor universal";
- 13.º—"El imperio de la guillotina";
- 14.º—"Las ideas sociales y la revolucion francesa";
- 15.º—"Los primeros tiempos del salariado";
- 16.º—"Hospitales, cárceles y asilos";
- 17.º—"Las crueldades de la burguesia republicana";
- 18.º—"Los héroes de la Comuna";
- 19.º—"Horribles matanzas de Comunistas";
- 20.º—"La Republica Española y la classe obrera";
- 21.º—"La Primera Internacional";
- 22.º—"El socialismo ante el Parlamento español";
- 23.º—"El futuro obrerista profetizado por Castelar";
- 24.º—"Pi y Morgall confunde a los enemigos del socialismo";
- 25.º—"Los precursores del Proletariado moderno";

Lede o Suplemento de "A Batalha"

SECCAO DE LIVRARIA DE "A BATALHA" PUBLICAÇÕES SOCIOLOGICAS

Organização Social/Sindicalista	3\$00
Antonelli.—A Russia bolchevista...	2\$00
Cura Merlier.—A razão dum padre	5\$00
Dufour.—O sindicalismo e a próxima revolução (2 volumes)...	8\$00
Emilio Bossi.—Cristo nunca existiu.	6\$00
Geo Williams.—Relatório dos delegados dos I. W. W ao congresso da I. S. V. de Moscou...	1\$00
Gustavo le Bon	—
As primeiras consequências da guerra...	8\$00
Ensaios psicológicos da guerra europeia...	8\$01
Leis psicológicas da evolução dos Povos (enc.)...	6\$00
Guyau.—Ensaio duma moral sem obrigação nem sanção...	5\$00
Educação e Hereditariedade...	4\$00
Hamon	—
A conferência da paz e a sua obra	5\$00
As lições da guerra mundial...	8\$00
O movimento operário da Grã-Bretanha...	5\$00
Psicologia do socialista-anarquista	5\$00
A crise do Socialismo...	3\$00
A psicologia do militar profissional...	5\$00
Henrique Leone.—O Sindicalismo...	4\$00
Heliodoro Salgado	—
O culto da Imaculada...	10\$00
Jean Grave	—
A sociedade Futura...	5\$00
O indivíduo e a sociedade...	4\$00

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 33-A. 2.º

de Provença, também irmão do rei, recebeu treze milhões, oitocentas e oitenta mil libras. Cortezãos, fidalgos, e até príncipes alemães figuravam no registo com quantias fabulosas.

Por essa ocasião escrevia Camilo Desmoulins com a sua graça mordaz e o seu implacável bom senso:

«Está finalmente em nosso poder o Livro Vermelho. A comissão de Fazenda quebrou os sete selos que fechavam este livro fatal; eis cumprida antes do juizo final a terrível ameaça do profeta: «Revalabo pudenta tua!» (Porei à vista as tuas torpezas!).

O clero esperava o momento de atear a guerra civil, fanatizando as populações de certas províncias. A corte e Luis XVI julgavam-se já triunfantes, por terem conquistado, a péso de dinheiro, a adesão de Mirabeau, o fogoso tribuno, o poderoso orador que até então tinha defendido a Liberdade. Ah!... Mirabeau, esse brilhante espirito, devorado pela sede do luxo e dos prazeres, tinha-se vendido à corte por um milhão pago à vista e uma pensão de cem mil libras por mês. A morte não lhe permitiu gozar muito tempo da sua traição.

Mirabeau morreu a 2 de abril de 1791. Algumas horas antes de expirar ouviu troar a artilharia, e disse com o seu tom de titânico orgulho: «São já os funerais de Aquiles?». As suas últimas palavras, em que se revela a sua traição, foram estas: «Levo comigo o luto da monarquia; os seus restos aí ficam em poder dos facciosos.»

O povo, sempre confiante e crédulo, ignorando a traição do seu tribuno, teve grande sentimento pela sua morte. Eu percorri Paris nesse dia e em toda a cidade via um luto geral. Parecia que uma calamidade pública atormentava a França. Toda a gente chorava, e de boca em boca se transmitiam estas palavras: «Mirabeau morreu!». E a multidão desolada seguiu religiosamente as cinzas do grande orador, que foram depositadas no Pantheon. Houve, todavia, duas vozes proféticas que, no meio daquele concerto de lamen-

A BATALHA

A abolição da gorjeta é uma aspiração moral e dignificadora das classes que dela se utilizam presentemente.



MOVIMENTO OPERARIO INTERNACIONAL

O labor persistente do Comité de Emigração em Paris

Em maio último, na reunião plenária do secretariado administrativo da Associação Internacional dos Trabalhadores, e por sugestão de várias organizações centrais aderentes cujos filiados eram coagidos a emigrar para França, resolveu-se a criação em Paris de um comité de emigração que trabalhará em um completo acordo com as organizações operárias francesas mais chegadas, ideologicamente, à A. I. T.

O comité de emigração tem dois objectivos principais:

O primeiro consiste em reaproximar a grande massa de trabalhadores emigrados das organizações operárias francesas, fazendo-lhes sentir a importância que para eles deve ter a adesão aos organismos sindicais, o interesse na luta quotidiana e a necessidade de não embarcar seus irmãos franceses na luta contra o patronato.

O segundo objectivo visa a reunir grupos de trabalhadores em volta da bandeira do seu movimento nacional, evitando que eles dispersem e deem a possibilidade de continuar na sua propaganda, escrita ou falada, na língua do seu país, a fim de facilitar o trabalho de reagrupamento das forças revolucionárias do sindicalismo, quer em França, quer nos outros países, no dia em que os emigrados estejam na eventualidade de regressar aos seus lares e reconstituírem os organismos destruídos pela reacção.

A criação do comité obteve um cordial acolhimento, não só por parte dos emigrados que pertenciam às organizações sindicais dos seus países, como pelos sindicatos autónomos da França.

Desta forma constituiu-se ultimamente o Comité de Emigração com os representantes das seguintes organizações: Confederação Nacional do Trabalho (Espanha), Confederação Geral do Trabalho (Portugal), União Sindical Italiana, Comité Anarcosindicalista (Polónia), União Federativa dos Sindicatos Autônomos, Federação da Construção Civil e Obras Públicas, Sindicato Único da Construção Civil do Sena e XIII Região da Construção Civil (França).

As três primeiras organizações estão filiadas na A. I. T.; o comité polaco, não sendo um organismo sindical, procede em pleno acordo com os princípios e o programa da A. I. T.; as organizações francesas indicadas ao alto não têm qualquer filiação internacional.

O Secretariado Federal da Construção Civil explicou no *Libertaire*:

«Somos o axé de toda esta propaganda internacionalista, que temos difundido na nossa Federação. A A. I. T. ajuda-nos, mas devemos recusar um organismo só porque alguns o apodam de anarquista? Os que a caluniam conhecem a sua verdadeira organização e os seus estatutos? A A. I. T. luta contra o patronato e contra o Estado. Que diremos demais, se desde há longos anos o estado e o patronato são apenas um? Os operários da construção civil estão com o estado e de acordo com o mesmo, ao pensar que o trabalho ficará emancipado com o desaparecimento de ambos os dogmas.»

O comité, que existe há dois meses, pôde já realizar um trabalho de consolidação dos vários troncos do sindicalismo revolucionário mundial plantados em terra francesa e o sindicalismo autónomo deste país. Publicou dois manifestos: um em língua francesa, com mil exemplares, dirigido aos trabalhadores franceses e estrangeiros, colocados diante do problema da organização racional da mão de obra estrangeira e da urgente necessidade de se ajudarem no seu reforço, por um lado, dos sindicatos franceses e, por outro, das energias e dos elementos disseminados na emigração.

O outro manifesto foi escrito em língua italiana, em quantidade de exemplares muito mais restrita, dirigido especialmente aos militantes que tiveram de fugir da Itália, exortando-os a não permanecerem imóveis ante os problemas que a classe operária francesa procura resolver, dando o seu esforço à obra do Comité de Emigração.

Um terceiro manifesto, em língua polaca, está sendo elaborado para distribuição profusa na grande massa de operários polacos desorganizados, que trabalham em França, principalmente, nas bacias mineiras do Norte e do Pas-de-Calais.

Ao mesmo tempo que o Comité de Emigração executa o seu importante trabalho, o movimento autónomo francês está fazendo um esforço decisivo para reunir as suas próprias forças, entendendo-se da maior urgência que os que propugnam o sindicalismo revolucionário federalista e anti-patrimonial venham a dar o último arranco no duplo trabalho empreendido.—*La Voix du Peuple*.

Parer sobre a Crise e Horário de Trabalho

apresentado à Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa pela Associação de Classe dos Tanoeiros de Lisboa

Causas da crise

A causa primária da crise de produção provém da existência da propriedade individual aliada à tremenda crise de direcção dos respectivos detentores da mesma propriedade em todos os seus ramos de actividade. Isto é indiscutível e asseverado já por grande número de componentes daquela classe que se vão apercebendo duma tal circunstância, e já mais a crise desaparecerá enquanto os detentores das diversas células de actividade económica orientarem a produção em conformidade com as suas conveniências próprias.

E' portanto extemporaneo sob este aspecto procurar solução para o desemprego que vem horrorizando o mundo que trabalha, porque a extinção dum tal gachis económico aguarda solução na sua época própria estando portanto sob a influência dum segundo e distinto esforço.

Não nos esqueçamos que vivemos em regime social burguês, e, mau grado nosso, é dentro das modalidades do seu sistema político-social-económico que, a massa trabalhadora terá que, em fortes movimentos reclamatórios, procurar resolver o problema da *chômage*, forçando o Estado e o Patronato a ceder às suas exigências metodicamente delineadas.

Quanto à crise que lava já há 3 anos na indústria de tanoaria ela é o reflexo da crise que vem sofrendo o comércio de exportação de vinhos ao qual está estreitamente ligada. O comércio de exportação de vinhos, principal elemento de riqueza do país por ser o maior sustentáculo da sua economia, tem afectas a si a maioria das indústrias.

Quando este comércio é progressivo, tal circunstância reflecte-se imediatamente num grande número de indústrias. Quando está decadente as mesmas indústrias sofrem mal idêntico.

E a actual decadência do comércio de exportação de vinhos deve-se quase exclusivamente ao desleixo do governo e à falta de iniciativas dos exportadores que não têm sabido sustentar os mercados externos nem opondo uma forte resistência às imitações das marcas regionais, e assim a Espanha, França, Argélia, Inglaterra, etc., fazem uma larga concorrência com as suas mistelas rotuladas de vinho do Porto, Madeira, etc., colocando estes produtos fora de concorrência.

Portugal é o único país da Europa onde a crise de trabalho poderá ter uma solução quasi rápida, visto que tem tudo por fazer e a massa operária trabalha quasi de graça.

Na indústria vinícola, da qual depende o labor da tanoaria, bastaria mais um pouco de atenção do governo na sua protecção, e uma maior perspicácia dos respectivos exportadores para que já mais houvesse receio de faltar o trabalho normal pelo menos a 25.000 operários tanoeiros, trabalhadores de armazéns, engarrafadores, caixeiros, litógrafos, vidreiros, corticeiros, marfins, condutores de carroças, empregados de carteira, etc.

Meios de a resolver

a) Exigir do governo a promulgação dum decreto onde fosse só permitida a exportação de vinhos regionais (de origem) engarrafados, criando armazéns de retem nos principais mercados consumidores de modo a garantir a autenticidade do produto.

b) A entrada livre dos vinhos comuns da metrópole nas Colónias portuguesas em vasilhas nunca superiores a 1 hectólitre e proibição sistemática do vasilhame de retorno principalmente armado, a par duma eficaz repressão do fabrico e uso de bebidas sofridas naquelas possessões.

c) Redução das tarifas ferroviárias e marítimas em 50 % para o transporte de vinhos destinados exclusivamente à exportação e redução dos encargos de contribuição do Estado.

d) Exploração das riquíssimas matas florestais de Moçambique donde se extrai a matéria prima para a construção do vasilhame que se destina ao transporte de vinhos, montando naquella possessão a respectiva fábrica de serração para a feitura de aduelas.

e) O fornecimento de crédito à indústria de tanoaria e ao comércio de vinhos em bases de garantia com o fim de promover este ramo de actividade económica.

f) Fixação de salários mínimos para que os respectivos operários pudessem aumentar a sua capacidade de compra como meio de mais largo consumo das indústrias estranhas fornecedoras dos artigos de que carece para seu uso, e rigoroso cumprimento das 8 horas de trabalho como mais racional medida da normalização do trabalho.

g) Estabelecimento da indústria siderurgica em Portugal a fim de fornecer a tanoaria do ferro indispensável ao seu labor (4000 toneladas por ano).

h) Normalização rápida das transferências de dinheiro entre as Colónias e a Metrópole a fim de não embarcar o comércio de vinhos com aquelas possessões.

i) A pura proibição de menores para a indústria com menos de 15 anos de idade.

Com a prática destas medidas, aliás fáceis de realizar, ficaria assegurado o trabalho em abundância para mais de 25.000 trabalhadores e o «deficit» da balança económica do país sensivelmente equilibrado.

São estes, caros camaradas, os nossos pontos de vista referentes à crise de trabalho. Quanto ao horário mantemo-lo regularmente.

Lisboa, 22-10-926.

A Direcção

Uma nota do Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria

Recebemos a seguinte nota cuja publicação nós é pedida:

«Tendo sido publicado na tese sobre *Crise e horário de trabalho* de que este organismo sustenta a opinião de que deve ser feita uma fiscalização séria pelos fiscais operários com o auxílio da policia e para não haver confusões lamentáveis torna-se público o que o S. E. C. I. L. sustenta no seu parecer em resposta da Comissão Instaladora da C. S. T. e que é o seguinte: «No capítulo Horário de trabalho no seu n.º 1 (refere-se ao parecer da C. S. T.) defende o critério de se iniciar uma fiscalização séria pelos fiscais operários».

«Como este processo de defesa pode ser desagradável a alguns sindicatos de métodos de luta próprios, defendemos o critério de se não estabelecer taxativamente a fiscalização, ficando a liberdade dos Sindicatos de a fazerem como entenderem».

(publicado na «Batalha» em 10 de Setembro).

Portanto o S. E. C. I. L. sustenta que cada sindicato actue como entender, e não propõe para se fiscalizar com o auxílio da policia, o que é diferente, a-pesar deste organismo, para seu uso próprio, fazer a fiscalização com todos os pormenores que a lei 5516 determina».

FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firmo Ferreira Pinto da Foz, na rua da República, 132.

LUTA DE CLASSES

Enquanto se arruína toda a indústria o governo inglês aguarda o inverno para vencer a resistência dos mineiros

Londres, 24 de Outubro.—A greve dos mineiros prossegue com energia, a-pesar da má vontade dos chefes trabalhistas e do exaustivo esforço dos lutadores em cerca de seis meses. O governo e os proprietários não querem negociar, colocando-se num campo de furiosa intransigência e esperando que o inverno, com os seus horrores e as suas tristezas, obriguem os mineiros à rendição.

Esta formidável batalha repercute-se em todos os países do mundo que da Inglaterra se forneciam de carvão. A indústria inglesa vem ameaçada de uma terrível crise, que pode trazer momentos calamitosos para o capitalismo, quer vença ou derrote os mineiros. São já numerosos os países que tomam medidas de prevenção ante a grave crise trazida pela greve inglesa, sendo os serviços ferroviários os mais duramente afectados com essas medidas. Qualquer que seja o desfecho da luta homérica empenhada pelos mineiros, a desorganização da indústria britânica acentuar-se há.

As consequências económicas do actual conflito são vastas. O comércio declina, a indústria está paralisando, e o governo teve de comprar, durante o mês de Setembro, quatro milhões de toneladas de carvão no estrangeiro, os quais custaram alguns milhões de libras.

A indústria metalúrgica britânica estagnou já: apenas cinco altos fornos, de 470 que existem, estão actualmente em laboração. Acrescente-se a isto que o carvão e o ferro são as duas primeiras fontes de rendimento de Inglaterra e ter-se há a mais exacta noção da terrível crise económica e industrial daquele país.

Os chefes trabalhistas atemorizam-se com um movimento tão grandioso de uma classe que não quer sacrificar-se à existência do capitalismo. E falam numa conciliação, censuram já a atitude do governo, aconselham uma impossível resignação aos mineiros.

O governo está sofrendo pressões para que persiga os grevistas. O objectivo é desmoralizar completamente os mineiros, agora, que chega o inverno. Pretende-se a prisão de Cook e de outros chefes da Federação Mineira. Mas o governo hesita em entrar no caminho da perseguição, receando complicações para a precária situação.

Em todo o caso, espera-se que o governo assumia atitude agressiva na semana próxima, já prevista com o envio de reforços policiais para diferentes bacias mineiras, principalmente, para o sul do país de Gales, onde a resistência é bastante enérgica.

Interrogado sobre a situação, Cook afirmou não ser provável um acordo desde que queiram impor aos operários mais horas de trabalho e menos salário. Os mineiros estão prontos a nomear delegados a quaisquer negociações que se encetem, mas sem a presença da policia e sem os obrigarem a qualquer manifestação de fraqueza.

O comité executivo da Federação Mineira vai submeter à próxima conferência das *Trade-Unions* as propostas de convocação de uma conferência nacional das *Unions* para decidir sobre uma cotização extraordinária para auxílio aos mineiros e sobre o estabelecimento de embargos de carvão estrangeiro.

Esta conferência vai efectuar-se no próximo dia 3 de Novembro. A questão do auxílio financeiro aos grevistas não encontra reservas por parte dos chefes trabalhistas, mas o mesmo acolhimento não teve a proposta de embargo de carvão estrangeiro.

Declararam-se em greve os trabalhadores do tráfego do porto de Lisboa

Como previamos declararam-se ontem em greve, em defesa da escala de trabalho, os trabalhadores do tráfego do porto de Lisboa.

A fim de que o público ficasse elucidado dos motivos da greve aqueles camaradas fizeram distribuir um manifesto do qual respigamos os seguintes períodos:

«Tendo-se criado em volta deste organismo, e de resto em todos os outros, que sempre têm pugnado pela divisão do trabalho entre os componentes das classes que executam cargas e descargas no Porto de Lisboa, um certo e determinado ambiente desfavorável, no sentido de roubar a essas mesmas classes a chamada Escala e mais regalias por elas humanamente conquistadas, não podemos ficar indiferentes a essa acção maléfica que os Agentes e Armadores de Navegação pretendem extorquir, para privilegiar Empresas ou Empreiteiros, que apenas se mantêm no seu espírito egoísta, para manter uma enorme burocracia, contribuindo assim para o encarecimento da vida económica de todos aqueles que, com o seu esforço, desejam ver uma Sociedade melhor, e por consequência um maior bem estar económico.

Fala-se constantemente no Porto de Lisboa, que os srs. Armadores e Agentes de Navegação se vêem embaraçados para efectuar uma descarga pela importância monetária ser muito elevada; mas como se compreende isto? Se o Conselho Técnico da Associação destes trabalhadores, faz essas descargas mais rápidas e por menos preço, e os srs. Armadores e Agentes, preferem entregar esses serviços a empreiteiros, que lhes importam mais caro e mais tempo?

Em face do exposto que se subentende que este organismo, mantendo a divisão de trabalho ou a chamada Escala e por consequência o Regulamento Interno de Trabalho que determina a necessidade de trabalhadores para a execução de certos e determinados trabalhos, execute as descargas no Porto de Lisboa, por infimo preço, que os Empreiteiros as executam, é então a prova cabal de que os trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa têm a concepção nítida de que contribuem com o seu esforço para uma melhoria de situação no país.

Um comunicado da Associação dos Descarregadores de Mar e Terra

Em virtude da greve dos camaradas trabalhadores do tráfego do porto de Lisboa a Associação dos Descarregadores de Mar e Terra comunica aos seus associados que não devem fazer serviço que diga respeito aos grevistas mesmo que para isso sejam convidados.

A direcção da referida associação tendo conhecimento que ontem um descarregador conhecido pelo «sobriquete» de Carochi, se prontificou ao triste papel de arrastar um grupo de descarregadores para um trabalho a executar no Caminho de Ferro sem que lhes explicasse a natureza do trabalho a desempenhar, chama a atenção de todos os camaradas para que escorram do seu seio todos os indivíduos que pretendam comprometer a classe.

Em virtude do acto de traição do referido Carochi a direcção resolveu considerar o suspenso de sócio até à próxima assembleia.

Reuniu a assembleia geral da Associação de Classe dos Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa para apreciar o conflito latente entre este organismo e a Associação de Classe dos Armadores e Agentes de Navegação, resolvendo defender o trabalho pelo sistema de Escolha para não prejudicar a mesma laboração e defender de momento os interesses desta classe, nomeando também uma comissão para se envolver com os referidos armadores de navegação para tratar da regulamentação dos ternos.

Manufactureiros de calçado das casas Roque e Madeira

Continuam em greve os operários da casa Roque, tendo os da casa Madeira, na rua da Madalena, resolvido abandonar o trabalho até que o industrial se resolva a pagar os preços que vinha pagando anteriormente.

Uma comissão do sindicato avistou-se ontem com o proprietário da sapataria Inglesa, por este pretender criar, para alguns oficiais, a categoria de 2.º. O pessoal da casa reuniu à noite tendo resolvido não retirar a resolução tomada por ser contrária a situação que gosa essa casa como de 1.ª categoria, e por ser um precedente inadmissível: o estabelecimento de diversos preços mínimos de mão de obra, numa mesma casa.

Também a mesma comissão se avistou com o industrial Casimiro, tendo este tomado o compromisso de pagar os preços consignados na tabela do sindicato.

Secção telegráfica

C. G. T.

Monforte. — *Rurais de Santo Aleixo*. — Segue delegado, sábado de manhã. Espere-no na estação de Estremoz.

Lisboa. — *Faustino Ferreira*. — E' indispensável a tua presença hoje durante o dia ou noite.

Porto. — *Delegação Confederal do Norte*. — Nomeiem delegado à conferência juvenil do Porto. Segue officio e credencial.

Federações

METALURGICA
Sindicato de Viera de Leiria. Recebemos carta registada. Vamos officiar e enviar recibo.

Uma prevenção aos litógrafos de Portugal

Encontrando-se em greve, por motivo de uma reclamação de equiparação de salários, o pessoal da Litografia Nacional do Porto, o Sindicato dos Litógrafos daquela cidade, secção de papel e folha, roga a todos os litógrafos do país para que estejam atentos evitando qualquer «truc», arditamente preparado pela firma Sousa & Filhos.

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA,

«IDEARIO», que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capitulos:

Doctrina — Critica Social — Educação Libertaria — Tactica — Evolução y Revolucion — Violência — Libertad y Autoridad — Ensayos Filosóficos — Literarios — Ideas Iconoclastas — Moral — Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Española — Homajes Representativos — Trabajos Polémicos — Lecturas — Fragmento inédito.

Preço 15\$000 — Pelo correio 16\$500
Devidos a Adm. Inst. de C. S. T.

«A BATALHA»

Estante para livros compra-se e posta à administração da Batalha.

VIDA SINDICAL

Comunicações

Pessoal do Município. — Reuniu em assembleia geral tendo eleito o conselho administrativo, que ficou assim constituído: Secretário geral: João Lucas Nunes; de actas: António da Silva; administrativo, Albino M. de Brito; melhoramentos, Vitor dos Santos; solidariedade, Carlos de Oliveira; bibliotecário, Alfredo dos Santos; tesoureiro, José Matias Vilhena. Delegados à Câmara Sindical: Domingos Veloso de Lima, João Lucas Nunes e António da Silva; delegados ao Congresso da C. S. T., Mariano Pereira, João Baptista Miraltes e os delegados à C. S. T.

Houve grande discussão motivada por Manuel Roque Junior discordar de que tivessem sido reeleitos J. U. Vilhena e Veloso de Lima e de que fossem nomeados alguns dos camaradas que ficam pertencendo aos corpos gerentes. No debate tomou também parte Ferreira da Silva, secretário geral da C. S. T., que declarou ter Manuel Roque Junior exercido naquele organismo uma acção derrotista.

Roque Junior apresentou duas moções defendendo a neutralidade do Sindicato na questão internacional, o voto proporcional, a baixa da cota confederal e a unidade sindical. Veloso de Lima requereu, sendo aprovado, que o Sindicato se mantivesse na posição que assumiu. Foi aprovada, por grande maioria, a adesão à A. I. T.

A assembleia, que decorre bastante agitada, foi, numericamente, uma das mais importantes.

Foi ainda aprovado um voto de sentimento pelas vítimas do desastre da rua Correia Garção e do incendio da Avenida da Boa Vista, do Porto.

Federação dos Operários do Ramo da Alimentação. — Reuniu a comissão executiva tendo recebido officios de Sebastião Marques, pedindo a demissão de secretário adjunto da comissão executiva, de Fernando dos Santos Matos, justificando a sua falta à reunião anterior, e outro da Câmara Sindical do Trabalho, convidando a Federação a fazer-se representar no congresso extraordinário dos Sindicatos de Lisboa, sendo nomeado Augusto Rocha. Foi recebido também um officio da Liga da Acção Educativa, que foi tomado em consideração.

Foi resolvido officiar aos Sindicatos da Alimentação do Funchal, para que nomeiem os seus delegados ao conselho federal.

S. U. Metalúrgico. — Realizou-se a assembleia geral no dia 13 p. p. tendo aprovado o seguinte: Relatório de inquérito ao camarada Emídio Santana, que originou larga discussão, sendo por fim aprovado. Nesse relatório prova-se que os actos praticados por Emídio Santana contrariam as determinações da assembleia geral por ocasião da greve de 1923 o foram quando ele ainda não militava na organização operária, e devido à sua pouca idade nessa época, a comissão de inquérito entendeu que se deve desculpar esse facto e ratificar a confiança a esse camarada.

Foi lida a circular da Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa sobre o seu próximo congresso, sendo aprovada a adesão ao referido congresso e nomeados delegados António da Graça e Joaquim de Sousa, que juntos com os 3 delegados ao conselho geral da Câmara completam a delegação do Sindicato. Sobre o terceiro número fala Emídio Santana, delegado do Sindicato à Federação Metalúrgica explicando a sua atitude no conselho federal sobre o conflito da C. G. T. e lendo a cópia duma declaração apresentada ao mesmo. Falaram varios oradores, entre eles o outro delegado à Federação Metalúrgica, mostrando-se a assembleia contrária à acção do camarada Santana, o qual pediu a sua demissão.

Em seguida foi aprovado o seguinte requerimento:

«Requerio para se dê o facto como consumado e em virtude de Emídio Santana pedir a sua demissão, que esta lhe seja dada, passando-se à nomeação dum camarada para representar este Sindicato no conselho federal, com prejuizo dos oradores inscritos». E assim, procedendo-se a essa nomeação, recai a escolha no camarada José Lopes.

Encadernadores e Anexos. — Reuniu ontem a assembleia geral que após ter apreciado uma campanha contra António Monteiro, movida por alguns organismos do Norte, resolveu ratificar a sua confiança ao dito camarada, protestando contra semelhante forma de combate.

Discutiu largamente os trabalhos a discutir no Congresso dos Sindicatos de Lisboa, aprovando as seguintes conclusões duma moção:

1.º Ratificar a aprovação feita pelos nossos delegados ao conselho da C. S. T., do parecer ali apresentado e publicado na *Batalha* de 3 de Setembro p. p.

2.º Cometer aos seus delegados ao congresso local, o encargo de defender ali os objectivos do dito parecer concretizados.

3.º Saudar todos os camaradas e organismos que sinceramente trabalham pela unidade sindical.

Seguidamente nomeou delegados ao congresso os camaradas Delfim Pinheiro e António Monteiro.

Tratando assuntos varios aprovou a seguinte moção de ordem:

«A assembleia geral dos Operários Encadernadores e Anexos, apreciando como boa a resolução da comissão administrativa do sindicato, aderindo à secção portuguesa do Socorro Vermelho, ratifica a adesão a esse organismo, a quem saúda e segue na ordem de trabalhos».

Ficaram pendentes varios outros assuntos, que serão tratados na próxima assembleia.

Operários Alfaiates. — Reuniu-se a assembleia geral desta classe para tratar da realização do Congresso da Câmara Sindical do Trabalho e respectiva nomeação de delegados.

Aberta a sessão foi lida e aprovada a acta sem discussão e em seguida nomeados, delegado à Secção Regional do Socorro Vermelho, José da Mota Amorim, e para 2.º secretário da direcção Alfredo Martins, sendo também encarregada a direcção de responder ao Sindicato Ferroviário do Sul e Sueste, transmitindo-lhe o protesto da assembleia contra a deportação de Miguel Correia.

Entrando-se na ordem de trabalhos, os delegados deste Sindicato à C. S. T. dão largas informações sobre o próximo Con-

gresso e explicam a sua passagem pela comissão instaladora da C. S. T. e a maneira como foram coagidos a demitirem-se dos cargos que tinham nessa comissão.

No entanto defendem que o Sindicato adira ao Congresso, pois não fazia sentido que por não estarem na comissão instaladora mudassem de opinião.

Falam ainda varios oradores, depois do que a circular convocatória do Congresso é aprovada por unanimidade. Foi apresentada a seguinte moção, que a assembleia aprovou por unanimidade:

«A assembleia da Classe dos Operários Alfaiates, reconhecendo que a acção desenvolvida pelos seus delegados à Câmara Sindical de Trabalho tem sido proveitosa no sentido de que a organização operária possa ter no seu seio um maior número de trabalhadores sem preocupação de tendências, por reconhecer que só assim se realizará a frente única contra a burguesia, manifesta o seu apoio aos referidos delegados, para que eles continuem firmes na defesa dos mesmos pontos de vista em prol da União de todos os trabalhadores e segue na ordem dos trabalhos» — *José da Mota Amorim*.

Em seguida são nomeados delegados ao Congresso extraordinário da Câmara Sindical do Trabalho, os camaradas Eduardo Miranda, Ernesto Bonifácio, Alberto Monteiro, José da Mota Amorim e Manuel Guilherme de Almeida.

Sindicato dos Profissionais de Imprensa. — Reuniu a direcção continuando na apreciação de varios assuntos em estudo de interesse para a classe. Resolveu-se afixar, na sede do Sindicato, a lista completa dos portadores da «carteira de jornalista», para conhecimento da classe, e em satisfação de uma antiga reclamação feita em assembleia geral.

Dentro de poucos dias deve iniciar-se a série de conferências, reatando-se assim o ciclo de palestras brilhantemente iniciado no passado inverno.

Impressores tipográficos. — Reuniu em assembleia geral. Antes da ordem dos trabalhos foram apreciados varios assuntos de carácter corporativo. Lida uma circular da Câmara Sindical do Trabalho foi resolvido dar a adesão ao Congresso local, tendo nomeado delegados Alberto Belinho, António Costa, Carlos Dias, António Ferreira da Silva e Alvaro Santos.

A assembleia protestou contra a deportação do militante ferroviário Miguel Correia, a fim de ser transmitido ao presidente do ministério e ministro do interior, e dar conhecimento desta resolução ao Sindicato do Sul e Sueste.

Em virtude do adiantado da hora, foi resolvido suspender a assembleia para prosseguir com a apreciação das teses que vão ser presentes ao congresso.

Convocações

REUNEM HOJE
Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares. — Pelas 21 horas o secretariado.

Impressores tipográficos. — Em assembleia geral às 21 horas, para continuação dos trabalhos que ficaram suspensos: apreciação das teses que vão ser presentes ao Congresso local.

Compositores tipográficos. — Pelas 18 horas, os delegados ao Congresso de Lisboa.

S. U. da C. C. — Pelas 20 horas a assembleia geral do sindicato, para apreciar o parecer sobre as teses a apresentar ao congresso dos sindicatos locais.

S. U. Mobiliário. — Pelas 20 e meia horas, a assembleia geral, para continuação de trabalhos. E' indispensável a participação de todos os camaradas que já tenham desempenhado cargos neste organismo por haver um assunto grave a resolver.

Federação Mobiliária. — Pelas 20 horas, a comissão administrativa.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil. — Para um assunto urgente a comissão administrativa deste organismo, pelas 21 horas.

S. U. Metalúrgico. — Pelas 21 horas, a assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: Apreciar os trabalhos já publicados sobre o Congresso de Lisboa, apreciar o novo Estatuto do sindicato e assuntos diversos.

Manipuladores de pão. — Pelas 16 horas, a comissão administrativa e comissões por áreas para tratarem de diversos assuntos, entre eles, o fecho de contas da festa, devendo todos serem portadores dos bilhetes que lhes sobram e do dinheiro em seu poder.

Empregados no Comércio e Indústria. — Pelas 21 horas as comissões administrativas e de melhoramentos, os delegados à C. S. T. e ao Congresso Operário de Lisboa.

Juventudes Sindicalistas

Conselho Federal. — Reúne hoje, pelas 21 horas.

Comité Federal. — Reúne hoje, pelas 0 horas.

Em Espinho

Não existe horário de trabalho nas indústrias desta localidade

ESPINHO, 25. — Em todas as fábricas que se encontram laborando no concelho de Espinho, não existe estabelecido horário de trabalho para o operariado, facto considerado muito importante para o aumento da crise que se vai manifestando em toda a parte, assustadoramente, sem que os industriais com isso se incomodem porque apenas sabem tratar dos seus interesses.

Em todas as fábricas, afirma-lo alto e bom som, a lei das 8 horas de trabalho que vigora em todo o país, é desrespeitada, espezinhada, não se cumprindo nenhuma das disposições de cumplicidade com as autoridades, que tinham o dever de fazer cumprir a lei. Mas, assim não sucede, infelizmente, porque industriais e autoridades se mancomunam para calarem a pé firme as parcas regalias que o proletariado português ainda possui, mercê da sua poderosa organização, de quem, triste é confessá-lo, os trabalhadores desta localidade estão totalmente divorciados. — C.